

PLACAR

REVISTA SEMANAL ESPORTIVA DA EDITORA ABRIL • NÚMERO 1 • 20/MAR/70 • NCvS 1,00

VAVA:

"Falta um leão
no nosso
time"

**AMORÉ, EXCLUSIVO:
MEUS FAVORITOS NO
MÉXICO**

**SELEÇÃO
VIVE O SEU PIOR
MOMENTO**

**IUSTRICH
DOPA
COM AMOR**

Ao comprar
este número de Placar
exija, grátis,
a moeda-homenagem de Pelé



**PELÉ
RECEITA PARA
GANHAR A COPA**



PESQUISA: QUEREMOS TOSTÃO



JOÃO SALDANHA ABRE O JOGO



A CRISE DA FERA

Foto de Fernando Pimentel

A última grande crise do nosso irrequerido futebol, escondida atrás das duas radiopalmilhas que guardam a concentração do Brasil no Retiro dos Padres, foi parar nas mãos de João Havelange, o sábio presidente da CBD.

A ele cabe o passo mais importante, capaz de dar a paz necessária à conquista de uma Copa do Mundo: anastasiar João Saldanha. Por isso, nos últimos dias, João Havelange vem trilhando sua confortável poltrona de presidente por longas conversas com o nosso técnico, num quarto trancado da concentração. Havelange já abeu seu jôgo, quer ordem, disciplina imediata e um Saldanha calmo, mais habil do que indigente, menos valente, mais técnico.

Havelange já decorou as razões da impressionante evolução dessa crise de duas semanas:

1 — A acusação de Saldanha ao Dr. Italo Consentin, médico do Santos, provocou um processo judicial que o técnico destruiu sem muita política: desmentiu que tivesse chinado Italo de criminoso, ignorando dezenas de exames, testemunhas oculares da acusação.

2 — A invasão da concentração do Flamengo por Saldanha, de revelar na mão, provou a instabilidade emocional do técnico. Ele estava à procura de Iustrich, querendo saltações por uma entrevista em que o chamava de covarde. Iustrich não estava no Flamengo. Saldanha só ficou certo disso depois de agredir dois funcionários de clube. Um dato importante: Richer, presidente do Flamengo, é amigo de Havelange.

3 — No mesmo dia, à tarde, quando a cúpula da CBD tentava abafar o caso ("Tem uma visita de cortesia"), Saldanha tentou agredir o locutor Lazier Martins, da Rádio Guaíba de Porto Alegre, quando este procurava uma explicação do técnico sobre a invasão.

Esta é a foto exclusiva da tentativa de agressão de Saldanha ao repórter Lazier Martins, da Rádio Guaíba de Porto Alegre. Poucas horas antes, Saldanha tinha invadido a concentração do Flamengo.

mo da Copa, causaria completa reestruturação na Comissão Técnica, atingiria os jogadores, derrotaria o Brasil.

Havelange já se preocupa com as consequências que o comportamento de Saldanha causou na Seleção.

O supervisor Adolfo Milman, o Ruão, já não sabe mais como justificar os acontecimentos, está confuso e surpreso, e trata a defesa de Saldanha com uma frase, repetida constantemente nos últimos dias: "Por que você não discutiu o técnico Saldanha em vez de discutirem o homem Saldanha?"

Lídio Toledo, o médico, e Adolfo Chiról, o preparador físico, estão falando idiomas completamente diferentes do de Saldanha. E estão se queixando: os incidentes já começaram a se refletir nos jogadores.

Antônio do Passa, diretor de futebol da CBD e chefe da Comissão Técnica, está usando toda sua experiência de político para tentar uma justificação. Sua solução é simples: "A Seleção precisa encurtar o calendário e viajar o mais depressa possível para o México. Cada dia que passa é mais um dia de inferno".

FLA, A SALVAÇÃO?

Os jogadores evitam falar sobre tudo isso, sobre Saldanha, sobre Iustrich, sobre qualquer coisa. Mas com essa atitude revelam uma triste situação: acabou o entusiasmo que eles tinham antes sobre qualquer decisão informal de Saldanha, nos exercícios ou nos coletivos.

Havelange pensou até em forçar a realização do jôgo da Seleção com o Flamengo, domingo passado, para desviar a atenção do povo sobre a crise. Mas a lei impediu — quando há um campeonato oficial (no caso a Taça Guanabara) os clubes participantes só podem fazer amistosos com a concordância de todos os outros clubes. E quase todos foram contrários à realização do jôgo.

Menos o Flamengo.

— Nós queríamos o jôgo porque ajudaríamos a Seleção a se preparar e ganharíamos um bom dinheiro. Poderíamos até pagar o passê de Silva que deveriam ao Barcelona — explicou o presidente André Richer.

CBD, A DERROTA?

Menos Saldanha.

— Os outros times tiveram inveja do Flamengo. Eles fazem profusamente o tempo de "Dom João Charuto", por isso o futebol brasileiro não anda.

Na verdade, disse-se que Saldanha queria o jôgo para autoafirmar-se, desmoralizando as faixas "Queremos Iustrich na Seleção". Saldanha ficou nervoso, disse que José Carlos Vilela, diretor do Fluminense, e Agostinho Gomes, presidente do Vasco, nunca vestiram um calção nem tiveram inflexão, além de falar que Otávio Pinto Guimarães, presidente da Federação Carioca, "anda nas cercas".

Saldanha só não falou de Iustrich, que também não queria o jôgo.

— Estamos sem os jogadores titulares e sem Dival, que é muito importante em meu time. Os reservas foram excursionar no Japão e entrariam em campo numa situação de grande inferioridade. E, afinal, não tenho nada com a Seleção (embora torça por ela), nem com o treinador da Seleção. Quem me paga é o Flamengo, eu só devo satisfações à sua torcida.

Havelange queria o jôgo mas não conseguiu também, porque a CBD ficou enfraquecida pela crise. Em situação normal, a CBD conseguia convencer os outros clubes.

Mas talvez o jôgo fosse prejudicial. Uma derrota poderia trazer de volta todos os comentários e críticas que apareceram com o primeiro jôgo contra a Argentina. E também todas as acusações (exemplo: essa defesa é ridícula), que conseguem atrapalhar um plano quase perfeito de tra-

balho. A preparação física e a preparação tática. Juntas, elas vão seguindo até o dia 8 de abril, data da chegada ao México. E juntos vão até o dia 3 de junho, estreia na Copa, contra a Tchecoslováquia.

Por enquanto não interessa à Comissão Técnica que a Seleção corra porreza minutos e faça dez gols por jôgo. Se isso acontecer, o time chegaria esgotado ao México. O sucesso tem que chegar devagar, não há motivos, agora, para acusações.

Acusação número 1: os jogadores são ruins, falharam — No segundo gol da Argentina, no Brisa-Rio, Ado não segurou a bola. Rebateu. Segundo os jogadores da defesa, falhou um homem do ataque cobrindo o goleiro. Na semana seguinte, em todas as faltas feitas em treinos algumas forçadas só para isso: todos os atacantes e homens do meio-campo foram treinados para cobrir o goleiro.

No único gol da Argentina, no Maracanã, Leão errou ao esperar a bola descer para ver onde ela ia. Na semana seguinte, em qualquer tipo de treino, todos estavam instruídos para gritar com Leão, despertar sua atenção para os chutes.

PIAZZA, O CULPADO?

Acusação número 2: essa defesa é ridícula — Todos criticaram Fontana pelos dois jogos, muitos atacaram Baldocchi pelo primeiro jôgo. Mas Ival já entrou no lugar de Fontana (era o titular, só estava machucado) e Brito no lugar de Baldocchi. E Brito está jogando bem.

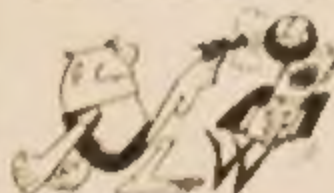
Acusação número 3: o meio-campo é lento, não marca ninguém — Piazza, acusado do defeito de jogar muito parado e não saber apoiar, foi substituído por Cleodindo, que deu mais velocidade ao time. Paulo César entrou no lugar de Edú e o meio-campo ficou reforçado, mais forte. E hoje só Jairzinho está voltando para combater o adversário.

Acusação número 4: falta um homem de área, um homem de choque — Os que acusam, não se lembram de que o nosso centroavante titular é Tostão, que Tostão já está bom e vai jogar daqui a uma semana. E Tostão não é Dário, Claudimiro ou César, jogadores que sabem fazer gols mas não sabem amar jogadas.

Na história do futebol, só dois centroavantes se caracterizaram por fazer gols e abrir espaços para o resto do time: Ademir de Menezes, artilheiro da Copa de 50, e Vavá, artilheiro da Copa de 62. Agora, Tostão está entrando na história.

E se Tostão não puder jogar, centroavantes como Dário, Claudimiro ou César só iriam prejudicar o esquema tático da Seleção. Eles ficariam plantados na área e não dariam espaços para as entradas dos companheiros. Dário, Claudimiro ou César prejudicariam tanto quanto o temperamento atual de Saldanha.

tiro livre



PARECE MENTIRA

O jôgo Seleção x Flamengo (ou Flamengo x Seleção?) foi cancelado depois de uma reunião na Federação Carioca de Futebol. Uma reunião muito gozada. O representante do São Cristóvão de Futebol e Regatas, que já acabou com o setor de remo e agora está quase extinguindo o de futebol, em tom solene, fez como o Vasco e o Fluminense: — Sou contra.

Sem adversário e sem campo (o Maracanã foi reservado para as reforçadas equipes do Vasco e do Fluminense), a Seleção foi jogar num subúrbio, contra o Bangs.

O poder que o São Cristóvão tem de virar um jôgo da Seleção Brasileira e do Flamengo mostra como o nosso futebol é surrealista. Esse jôgo seria um achado para a Seleção e para o Flamengo. Pelo barato, os cofres da CBD e do "Mais Querido" receberiam aí pelos 300 milhões de cruzados antigos cada um. Mais do que o Santos recebe para estourar seus jogadores em locais excruciantes pelo exterior. Mais do que muitos clubes recebem em meses e meses de atividade. Mais do que o São Cristóvão recebeu em toda a sua existência. Mas o representante do São Cristóvão é inflexível: — Sou contra.

E não é também surrealista essa idéia da CBD de jogar com o Flamengo? Para uma seleção nacional, não é bom o confronto com um clube, mesmo que seja o mais popular de seu país e esteja numa fase excepcional. Uma seleção precisa de mistica, que não pode ser criada por dinheiro. Precisa ter aquela aura que envolve, por exemplo, o Estádio de Wembley, na Inglaterra, que não abre para qualquer joguinho.

E não é também surrealista a impotência da CBD? Há muito ela devia ter a programação certa dos amistosos para a fase de preparação da Copa. A realidade é incompatível com armadilhas de última hora, como esta de a CBD sair por aí implorando que uma equipe estrangeira venha aqui jogar.

Num futebol com uma estrutura caótica como a nossa, tudo é possível, até mesmo a sorte da Seleção depender de um cidadão qualquer que se levanta numa reunião e, em nome do São Cristóvão ou do Arnanco-Tôco, anuncia sua posição: — Sou contra.

Maurício Azédo





cara a cara

De revólver na mão ou com valentia nos braços, ele invade a concentração do Flamengo ou bate num repórter. João Alves Jobim Saldanha, o técnico das feras, há 51 anos vem brigando e batendo, xingando, gritando e ameaçando. Com a mesma naturalidade com que jurou matar os jornalistas que tentassem entrar na concentração, ele concordou em receber e responder a vinte perguntas sobre a Seleção Brasileira feitas pelo repórter Teixeira Heizer. João domador não mudou: assim agia nos tempos de sócio do "Grupo dos Cafajestes", ou quando era escrevente, ou só jornalista-comentarista-locutor esportivo de rádio, jornal e televisão. Seus quase vinte processos criminais o incomodam tanto quanto o resultado de um jogo do Bonsucesso. Ele é esperto, inteligente, vivo. Derrota a Justiça com um drible, vence o povo com uma frase de efeito: "O Caneco é nosso".

SALDANHA

JAMAIS DEIXAREI A SELEÇÃO

Placar: Você sempre garantiu que Tostão jogará na Copa. Mas na última semana falou em convocar Coutinho e Claudimiro. O que houve? Você perdeu a fé em Tostão?

Saldanha: Nunca perdi a fé em Tostão. Coutinho e Claudimiro são exemplos de jogadores que me agradam para a posição. Tostão não é problema.

Placar: Em outubro do ano passado você jantou com Aimoré Moreira e poucos dias depois

cortou Rildo, Djalma Dias, Félix, Paulo Borges e Lula. Aimoré teve alguma influência em suas decisões?

Saldanha: Aimoré teve influência decisiva nas minhas convocações. Seu trabalho em 68 foi magnífico, facilitou-me enormemente. E só vocês analisarem as convocações.

Placar: Se hoje a CBD propuser chamar Aimoré Moreira ou outro técnico para ajudá-lo dentro do campo, você aceitará?

Saldanha: Isso eu propus quando fui convidado para técnico da Seleção. A CBD respondeu que queria uma mudança radical. Penso que se tratava de problemas políticos que eu ignorava e continuo ignorando.

Placar: Você acha que o zagueiro brasileiro tem dificuldades para jogar como libero e por isso prefere montar a defesa sempre com um na sobra. Essa maneira não é muito complicada?

Saldanha: Não. Se usássemos

o libero atrás da defesa, os quatro zagueiros teriam que fazer marcação homem-a-homem. Isso eles não sabem fazer.

Placar: Se um time adversário colocar um homem "marcando" o nosso libero — que jogará na frente dos zagueiros — o que você fará?

Saldanha: Isso seria ótimo, mas eles não farão. Eles vão fugir da marcação.

Placar: Se não conseguirmos impor aos jogadores a mudança da



que os jogadores não mudariam muito.

Placar: A Seleção Brasileira está cumprindo suas orientações dentro do campo?

Saldanha: As ideias de um técnico só se transformam em ideias de um time quando são possíveis de pôr em prática. Penso que estamos tendo um entendimento progressivo muito bom.

Placar: Depois do primeiro jogo com os argentinos, você disse e escreveu que o 4-2-4 estava morto e reconheceu que a Seleção jogou assim. Por que a Seleção jogou no 4-2-4? Os jogadores não obedeceram às suas ordens?

Saldanha: Os jogadores simplesmente não tinham condições para fazer o vaivém. Não se trata de desobediência, trata-se de não poder cumprir as ordens.

Placar: Antigamente dizia-se que a Seleção não jogava bem porque seus jogadores ainda não se conheciam. Não se pode dizer o mesmo do time de hoje, que vem jogando há cinco anos mais ou menos. Existe algum motivo que impede a Seleção de jogar bem?

Saldanha: Estamos no começo e não vamos puxar pelo pessoal.

Placar: Se Tostão estivesse jogando os problemas seriam os mesmos?

Saldanha: Com Tostão o time rendia mais porque já estava formado.

Placar: Pelé está aceitando jogar da maneira que você deseja ou está esquecendo as determinações, para jogar como está acostumado?

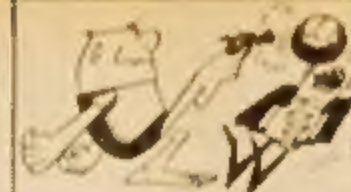
Saldanha: Pelé não esquece. Tem muita modéstia e magnífica memória. Nos jogos contra a Argentina, principalmente no primeiro, estava em más condições. Ficou até de cama.

Placar: Os jogadores do Santos estão jogando de maneira diferente daquela que vêm fazendo há muitos anos. Eles estão conseguindo a adaptação necessária?

Saldanha: Com muita facilidade, pois são craques.

Placar: Antes você dizia que o time do Santos seria capaz de ganhar de qualquer seleção, até mesmo num campo de várzea. Mas aos poucos você foi eliminando muitos de seus jogadores da Seleção. Você mudou de opinião?

Saldanha: Não era só eu que dizia isso. É só dar um pouco de repouso e um treinamento sério que o Santos continua ganhando.



tiro livre

JOÃO QUIXOTE

O circo do futebol brasileiro, vendedor de ilusões, cheio de feras e atrações está montado. Com a lona estendida sobre nossas cabeças, armado em meio ao vasto campo da paixão mortal que todos nós temos pelo futebol.

Equilibristas, mágicos, engolidores de tochas — eternos cartolas; feras, bichos lindos e fortes — novos artistas; e você, João, em quem menos cabe nesta hora a colorida roupa de palhaço. Eis o circo, pouco antes do espetáculo.

Melhor que palhaço, você é domador. Domador das feras e líder de uma legião esparramada pelas arquibancadas, pelas esquinas, pelas fábricas e até mesmo pelas botecos. Gente que você uniu com a coragem dos que entram na jaula do leão, a arrogância de quem desafia a morte num salto no vazio e a segurança dos que dão mil voltas no globo da morte.

Sua bandeira, João, é muito mais a de um Dom Quixote do que o trapo colorido de um palhaço que faz a plateia morrer de ris, mas não resolve o seu problema — ser feliz mais tempo do que alguns minutos.

Ser o domador das feras, trazer a Copa, mudar toda uma mentalidade atrasada do futebol brasileiro, não deixá-lo virar para sempre um circo mambembe, onde as atrações maiores são os equilibristas, essa a tarefa digna de um Dom Quixote como você.

João, você continua sozinho como chegou, mais revoltado do que antes: é difícil mudar a mentalidade dos empresários que sempre ganharam dinheiro com velhos números — campeonatos mal organizados, desonestidades e desrespeito pela paixão popular. Mas é a partir de você, como crítico raivoso, Dom Quixote em

colunas de jornal, que tudo pode mudar. O circo precisa se tornar grande, ter números novos e como vedete apenas as suas feras. Não é preciso mais do que trabalhar, quem sabe quieto, com o chicote na mão, mas não com revólver no tapal. As feras são suas, com você tão manso e com você podem se tornar ferozes, imbatíveis.

A briga do João-Quixote hoje não é mais de rua, de esquinas (ou com Iustich, ou com jornalistas), ou mesmo em coluna de jornais (Saldanha, pra que esquecer?). Está nas portas fechadas da concentração, no diálogo franco com os jogadores e dentro das quatro linhas brancas de um campo de futebol. Não do Maracanã, nem do Estádio de Môça Bonita. A verdade só vale para o Estádio Jalisco e para o Estádio Asteca da Cidade do México.

Há muito o que mudar até lá e só você, João-Quixote, tem condições de conseguir algo que não seja o morto 4-2-4, o futebol sem preparo físico, o artista sem confiança. Essa briga é maior, mais importante e digna de um João-Quixote puro, líder e síntese da imagem de um povo, mais briga do que pacífico, mais apaixonado do que amarelotado. Que fique para a imprensa e para os cartolas a tarefa de tentar atrapalhar o seu trabalho. A culpa será deles se faltar paz ou mesmo dinheiro para a Seleção conquistar a Copa. Fique, junto com as feras, com o bom senso do Russo e com a tarefa de erguer o caneco.

Deixe para nós, o povo, apenas o nó na garganta, o frio no coração e o grito infinito da vitória.

Hamilton Almeida

do. Cláudio era impossível, Djalma Dias e Rildo não andam bem.

Placar: Pelé é considerado por você como homem-chave para tentar ganhar a Copa?

Saldanha: Pelé é muito importante, mas não o chamaria de homem-chave.

Placar: Está nos seus planos ir cortando os jogadores do Santos à medida que for encontrando substitutos à altura, até restringir-se a Pelé?

Saldanha: Não tenho preocupações particulares em relação a clubes. Na Seleção há cinco jogadores do Santos.

Placar: Você já disse que nos-

so ataque precisa dar combate à defesa adversária para nosso meio-campo ter tempo de se armar. Edu não entendeu isso até agora. Isso pode levá-lo a sair do time?

Saldanha: Todos os atacantes têm de participar na defesa. Edu não é problema.

Placar: O futebol brasileiro progrediu dentro do campo de 66 para cá?

Saldanha: Muito, principalmente na preparação física. O Internacional, o Grêmio, o Atlético, o Cruzeiro e outros times estão fazendo um trabalho sensacional. O que falta a nossos treinadores é só tempo.

ENTRAM EM CAMPO AS FERAS DA Monark



Atenção, torcida brasileira! As feras da Monark entram em campo com fome de bola. É o mais sensacional lançamento do ano: bicicletas tão quentes que vão fazer o Brasil vibrar de ponta a ponta.

Monareta Tigre e Pepita Olé 70, duas feras para os times juvenil e infantil.

Monareta e Monareta Portátil Olé 70, para a divisão de acesso, o pessoal jovem que paquera com energia o time de cima.

E, finalmente, a Monark Barra Circular Olé 70: é o time principal entrando no estádio, dando aquele Olé de modernidade, de agilidade, força e vibração.

Veja a seleção de inovações da nova linha Monark

Olé 70: novas manoplas anatômicas; novo refletor com muito maior área; novo bagageiro mais bonito e mais amplo e a tração monobloco ponto vermelho. Olé!

As cores da Monark Olé 70 estão tão bonitas quanto as do time do seu coração.

Compre já sua

Monark

A BICICLETA DO REI PELE

—E você, Pelé, o que diz de tudo isso?

—Bem, pessoal, eu acho que quem não for de Monark Olé 70, tá de escantelo.



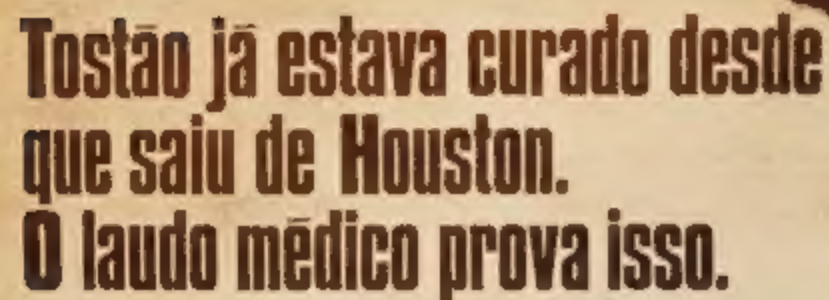
Monark Barra Circular Olé 70

Monareta Olé 70

Monareta Portátil Olé 70

Monareta Tigre Olé 70

Monareta Pepita Olé 70



Reportagem de Hedyl Valle Junior, fotos de Lemyr Martins e Célio Apolinário

— Estou meio duro em campo. Preciso ficar mais solto, mais à vontade. Só a motivação do jogo, a competição, o combate e o choque com os adversários é que podem fazer-me voltar a ser o mesmo. Treino só, não adianta.

No último treino com bola que fez, Tostão marcou três gols (o goleiro era Pelé), um deles depois de levar um "carrinho" do Rei. Tostão ganhou a disputa e chutou forte. E ainda cabeceou bolas, dividiu jogadas, correu, caiu, driblou.

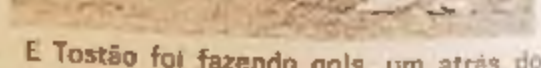
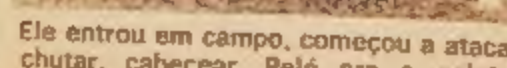
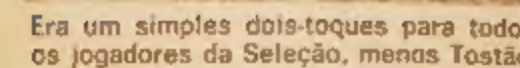
— Um pouco de alegria eu já tive quando percebi que dei cabeçadas e não me aconteceu nada. Mas, na primeira bola que veio alta, eu dei uma cabeçada sem muita confiança, sem direção, sem fôrça e sem jeito. Mas só faltou confiança, porque era a primeira cabeçada. Não tenho culpa se o Adô defendeu, a bola foi no gol, não foi?

O laudo médico do Dr. Roberto Abdalla Moura começa dizendo que o descolamento da retina foi provocado por um choque direto no lado esquerdo do olho esquerdo. Causou um acúmulo de sangue na massa vítrea (consistência do olho entre a retina e o cristalino, massa transparente do olho) e pequena inchação.

Tostão, na ocasião, estava com certa dificuldade para ver alguns objetos, porque pontos escuros davam certa sensação de sombra em sua visão, exceto na parte central do objeto visto.

O laudo revela também

São Paulo	Rio	B. Horizonte	Total
sim .. 48	sim 53	sim ... 65	sim ... 166
não .. 52	não 47	não ... 35	não ... 134



AIMORE
EXCLUSIVO
PARA PLACAR



Aimoré Moreira, ex-técnico da Seleção Brasileira, bicampeão do mundo, é comentarista exclusivo de Placar.

OS DONOS DA COPA

A glória de erguer os braços acima da cabeça, segurando com as mãos suadas a cobrigada "Jules Rimet", no final do Mundial do México, deve estar reservada ao capitão de uma dessas seleções: Alemanha, Brasil, Inglaterra ou Itália.

A ordem nada tem a ver com a maior ou menor possibilidade de cada uma delas. É alfabética. E minha escolha não é feita por simpatias ou preconceitos. É a experiência de 30 anos de profissão, de muitos estudos da evolução do futebol europeu, das viagens e dos relatórios que ainda hoje servem à CBD. E tudo isso que me orienta.

Começo abrindo um parêntesis necessário. Uma semana antes de Inglaterra 3, Escócia 1, em 1968, os ingleses fizeram um jogo usando uma seleção formada por jogadores de até 22 anos de idade. A observação pode parecer desnecessária, mas não é. Naquele jogo, Alf Ramsey fez duas experiências importantíssimas e deu a primeira demonstração de como jogar no México: lançou um grupo de jovens fortes (alguns deles — como Peter Osgood — estarão na Copa) e incutiu naquela turma o espírito de combatividade. É o que nós chamamos aqui de "botar pra quebrar".

Sua "experiência" foi tão proveitosa que o jogo terminou 15 minutos antes do tempo normal e o adjetivo mais suave que Ramsey recebeu da imprensa foi "criminoso".

Os alemães enganam muito e quem se basear no que viu em seus amistosos poderá, tranquilamente, entrar numa barca furada. Nos doze dias que vivi na Escola de Educação Física de Colônia, vi os alemães treinando para enfrentar a altitude do México e eles, sem qualquer receio, me confessaram que encaram os amistosos como uma simples batida simulada. Na Copa, diziam seu técnico, "somos onze cães famintos correndo atrás de um pedaço de osso".

A Itália não fica atrás. Hoje é uma seleção muito diferente daquela de 66. Vai mostrar um futebol viril e agressivo (não confundir com dexteral).

Mas agora que já fechei o parêntesis, vou fazer uma observação para que não tirem conclusões apressadas e erradas: Itália, Alemanha e Inglaterra não devem chegar às finais apenas pela dureza do seu futebol. Essa é apenas uma parcela ne soma dos trunfos que eles levam para lá. As outras, são os mais importantes do que aque-

la, são seus sistemas de jogo, que nós brasileiros, por teimosia ou por falta de humildade, ainda não resolvemos destruir.

Os alemães e os italianos jogam com libero e é aí que começam nossas dificuldades: os brasileiros parecem sofrer de librofobia. Basta dizer que um adversário joga com libero e já admitimos, pacificamente, a ideia de que será difícil vencer sua defesa.

A formação dos ingleses em campo é um pouco diferente. Mas vamos por partes.

Os liberos alemães e italianos jogam com movimentação diferente. O libero italiano guarda sempre sua posição e cobre muito bem qualquer um dos quatro zagueiros. O resto da defesa faz marcação rígida. E muito comum se ver um lateral acompanhando o ponta adversário pelo meio de campo.

Eu acho que essa maneira de jogar dos italianos facilita e convida o adversário a uma esquematização de jogo sem bola.

Com o libero alemão as coisas já são diferentes. Ele é o libero perfeito quando seu time é atacado. Quando atacam, ele passa a ser um dos quatro zagueiros, permitindo ao substituído ir para a frente fazer parte do bloco que "afoga" a defesa contrária.

A Inglaterra não se define com um libero. De 62 para 66 houve uma mudança radical não só no seu futebol, mas, principalmente, na mentalidade dos seus jogadores. Na Copa de 62 eles abandonaram o "WM" e tentaram um mambembe 4-2-4. Foi nosso jogo mais fácil no Chile. Depois do fracasso, trocaram o técnico, e Ramsey criou outro sistema, outra mentalidade. Ramsey enfiou na cabeça dos jogadores que eles precisavam ser mais homens e mais machos.

Na Copa ele deve trabalhar com um sistema de cobertura: qualquer jogador do time faz a cobertura do homem que está combatendo. Seu jogador-chave é o ponta-esquerda Peters. Ele e o ponta-direita recuam para o meio de campo, formando, de início, um 4-4-2. Quando atacam, os laterais descem pelo "corredor" que é aberto pelo recuo das pontas e eles, na verdade, é que se transformam nos verdadeiros pontas.

Os dois médios revezam-se com as pontas-de-lança e é bem possível que Ramsey passe um deles para jogar na frente dos zagueiros, desempenhando um papel parecido com o de Piazza. Este homem faz lançamentos longos para a corrida da lateral-direita, que é canhota e desce pela ponta. Na passagem da defesa para o ataque, o time passa, também, do 4-4-2 para o 2-4-4, quando perdem a bola, o atacante faz uma "cortina" para evitue a progressão do inimigo e dar tempo da defesa se recompor. É a manfona.

Aqui vale um conselho aos nossos laterais: contra time que ataca com os laterais, eles fazem o seguinte: lançam dois homens às suas costas. São as pontas-de-lança que cedem o lugar para os volantes ou zagueiros. Seu futebol é o mais perfeito e moderno que vi nos últimos tempos.

Entre essas três seleções impera um princípio importante: "Quando estamos com a bola, jogamos. Quando os adversários tocam a bola, não devemos deixá-los jogar".

Não coloco o Brasil entre os quatro só por patriotismo. Embarco nessa porque acredito nas qualidades individuais dos jogadores. Mas advirto que elas não serão o bastante. Precisamos entrar com jogadores que se adaptem a sistemas diferentes, e temos gente para isso. Precisamos ser mais agressivos na marcação (não falo de violência). Precisamos não deixar o adversário progredir com a bola.

Três homens no meio-campo é o bastante contra a Itália. Eles não ocupam muito aquela zona. Um homem em cima do libero, jogando sem bola, atirando-o para os lados e permitindo a entrada de dois que venham de trás (por isso sou mais Zé Carlos que Gérson).

Para os ingleses, dois homens caindo nas costas de seus zagueiros, sem cair no erro de mandar nossos pontas ficarem recuando para marcá-los. E, contra a Alemanha, eu jogaria com os pontas (não confundir pelas pontas), levando outro jogador para aquela zona, tabelando, ganhando da lateral, puxando outro na cobertura e fazendo entrar dois de trás, pelo meio. A Itália é o nosso pior adversário porque joga com libero fixo. E nós, desgracadamente, não temos ninguém disposto a enfrentá-lo. Se Pelé aceitasse ficar em cima dele, tentando vencê-lo em jogadas pessoais, poderia ganhar três em cinco tentativas.

Se tentarmos chegar de uma área à outra com quatro ou cinco passes rápidos, nossas chances serão iguais às deles. Fora disso não vejo como.

Aimoré Moreira

PROCURAMOS JOGADORES PARA A SELEÇÃO BRASILEIRA.

Estamos convocando a maior seleção brasileira de todos os tempos, com a participação de milhares de "feras"!

Para conquistar os estádios mexicanos. Guadalajara, Cidade do México, lá vamos nós!

Para trazer a Copa no peito e na raça! Com a Seleção Brasileira da "Camisa 12" - a nossa torcida no México!



V não precisa ter físico privilegiado para integrar essa Seleção. Nem ser rei em matéria de futebol.

Tem que ter a fibra! Vontade ferrea de ser tricampeão! Tem que ter entusiasmo! Vibração!



E o descanso dos "guerreiros"?

Nem só de futebol vive o "Camisa 12". Seus horizontes são amplos, como esta magnífica excursão.

A viagem e nos jatos mais modernos. A hospedagem e em hotéis de categoria. As entradas para os jogos já estão reservadas.

INSCREVA-SE JÁ NO LOCAL DE CONCENTRAÇÃO, ISTO É, SEU AGENTE DE VIAGENS



E entre uma vitória e outra, V ainda realizará excursões inesquecíveis! Venha! "Aliste-se"! Temos planos de financiamento "até o próximo campeonato".



Para que todo bom brasileiro tenha sua chance de ser o "Camisa 12" da Seleção Brasileira! BRASILEIRO BOM VAI LA!

E transmitir isso às nossas "feras". Lá no campo. Onde o "video" é total. Ao vivo. Nenhuma emoção é igual! A missão "Camisa 12" é árdua. Mas provaremos que todo torcedor brasileiro é um forte!



campeonato". Para que todo bom brasileiro tenha sua chance de ser o "Camisa 12" da Seleção Brasileira! BRASILEIRO BOM VAI LA!

ou a **Exprinter**

SÃO PAULO
Rua Barão de Itapetininga, 243 - Tel. 35-7104

RIO DE JANEIRO
Av. Rio Branco, 51-A - Tel. 223-1909

SANTOS
Rua Gen. Câmara, 20 - Tel. 2-1856

PORTO ALEGRE
Rua dos Andradas, 1079 - Tel. 24-7330

de primeira



JOÃO, O IRÔNICO

Saldanha estava no meio da rede formada por repórteres e já tinha falado de tudo sobre a Seleção. Um repórter perguntou se não havia mais novidades e ele não se perturbou:

— Existe sim, os garotos andam reclamando dos mosquitos que perturbam o descanso, mas já lhes ensinei como resolver a situação. Disse para fecharem as janelas durante o dia. Sei que à noite sentirão um calor danado, mas em compensação não vão precisar mais brigar com os mosquitos.

COME MARCO ANTÔNIO, COME



Muita gente já sabe que João Saldanha é um homem que conhece profundamente os aneddotas do microfone, da máquina de escrever e dos esquemas de jogo de um time de futebol dentro do campo. Mas ninguém sabia que ele entendia de medicina.

— Esse Marco Antônio não consegue mesmo engordar. Quando sobe 100 gramas é uma festa. Mas já descobri o jeito de engordá-lo. Vou fazer como se faz com galinha fujona: mandar amarrá-lo no pé da cama e deixar um prato de comida do lado.



COMENTÁRIO DE UM CONHECIDO TÉCNICO CARIOCA, SOBRE A CONTRATAÇÃO DE PAULO AMARAL PELO FLUMINENSE: — SÓ PORQUE A CONTRATAÇÃO DE IUSTRICH ESTÁ DANDO CERTO, OS DIRIGENTES RESOLVERAM MOSTRAR MAIS UM POUCO DA SUA FALTA DE IMAGINAÇÃO. ASSIM, VAMOS ACABAR TENDO BOXEADORES COMO TÉCNICOS DE FUTEBOL.



GAÚCHO NÃO ADMITE LADRÃO, OUVIU?

O novo presidente da Federação Gaúcha de Futebol, Rubens Hofmeister, já conseguiu provar plenamente sua fama de homem decidido. Estava assistindo a um jogo pelas finais do Campeonato Amador e, irritado com os erros do juiz João Barbosa de Sousa, entrou em campo, parou o jogo e fez seu sermão:

— Olha aqui, não quero ver jogo com juiz errando. Apita direito ou nunca mais vai ser juiz na vida.



DARIO, O BOM-CARÁTER

Dario chegou ao Maracanã contratado pela Rádio Guarani para comentar o jogo por 500 cruzeiros novos. A Itália ofereceu 2.000, mas Dario manteve a palavra, ficando com a Guarani. "Pela diferença, você devia ter deixado o caráter em Minas", disse o massagista Gregório.

EXTRA

A FIFA está ameaçando não deixar o Brasil jogar no México, se a CBD não forçar o Flamengo a pagar o que deve ao Barcelona (compra do passe de Silva). Se o Fla não pagar, a CBD deve saldar a dívida, mas João Havelange (foto) está chiando.



JOGO SEM BOLA

Carlos Alberto, entrevistado por um jornal, explica por que era tantas vezes expulso:

— Vocês podem ver uma coisa da última vez em que fui expulso. Lá no Recife, contra o Náutico, reclamei dos pontapés que Manoel Maria levava. Pois bem, o juiz que me expulsou foi o mesmo que deu a saída de um jogo em Belo Horizonte, sem bola. Ele entrou em campo atrasado, apitou e os jogadores fugiram dar a saída e continuaram jogando sem bola até o juiz perceber. Assim não dá, não é?

Na semana passada um grande problema agitou a concentração do Brasil, no Retiro dos Padres. O problema era com Paulo César.

Sexta-feira, o ponta-esquerda Paulo César conseguiu dar a maior corrida desde que começou a jogar futebol. E mostrou que está muito bem preparado fisicamente. Só que sua corrida não foi dentro do campo.

Um cartório do Rio estava com um título saído contra ele para ser protestado e só depois de muita movimentação, que exigiu até a presença dos dirigentes da Comissão Técnica, Paulo César conseguiu evitar o protesto. Depois de descansar, Paulo César contou a história.

A CBD pagou seu salário adiantado ao Botafogo, mas o clube guardou o dinheiro e não deu nada a ele. Paulo César estava contando com esse dinheiro para liquidar as prestações do apartamento que comprou.

— Nunca mais entro numa dessas. Agora vou querer dinheiro na mão.

A situação de Paulo César não é a única no Rio. Paulo Henrique, lateral-esquerdo do Flamengo, também está com alguns títulos no protesto e outros já na Justiça. A firma Aresóris e Peças para Automóveis Okrasa Ltda. move uma ação executiva na 22ª Vara Civil cobrando três duplicatas de R\$ 1.200,00 cada, que se referem a compra de um carro que ele comprou do Flamengo para viajar contratado.

ZORBA, ELEGÂNCIA AO SE DESPIR.



cueca é

ZORBA®

Ban-Lon





O centroavante da Seleção precisa ter talento, não basta ser apenas um centroavante de choque

Toninho

FALTA UM LEÃO EM NOSSO TIME

Reportagem de Fausto Neto e Sucurnaia

Tostão é craque, Pelé é fenômeno. Mas essas qualidades não justificam a presença dos dois num só ataque. Contam equipes sul-americanas ou sem organização tática, a dupla funciona. Mas contra seleções europeias, não dá.

Nas Copas de 58 e 62, o personificando Edvaldo Izidio Neto ficou conhecido como o "Leão", por seu jeito imprevisível de fazer gols e pelo jogo duro e até violento na área. Vavá era um centroavante. É ele quem fala:

"A falsa imagem de que o homem de área é um jogador burro, que não raciocina, está matando uma peça vital no futebol brasileiro. Dentro de mais

algum tempo, nenhum 'Vavá' sobreviverá na profissão. É utópico pensar que de passe em passe, na cadência e no ritmo dos atacantes brasileiros, pode-se vencer os europeus."

quem vai poder aproveitar os seus lançamentos?"

FALTA TONINHO

Hoje Vavá vive numa casa grande e moderna, de dois andares, no bairro da Tijuca, no Rio. Vive com a mulher e quatro filhos. Ele ficou rico jogando de centroavante.

"Eu era um desbravador de defesas e um voluntário na luta às vezes desigual contra os gigantes beques de times onde a força atlética era quase insuperável. Fiz gols mas nunca fui um gênio, um talento."

Depois de Vavá, começou uma procura desesperada no futebol brasileiro: o companheiro ideal de Pelé. Foram convocados Servílio, Célio, Flávio, Alcindo, Silva e Parada. Nada deu certo como antes, ninguém era realmente centroavante.

"Agora Toninho seria o companheiro ideal para Pelé, não sei por que o dispensaram. Geralmente, quem joga no lado de Pelé procura fazer tudo para ele. Isso é burro. Para jogar ao lado de Pelé é preciso ter personalidade. Toninho tem."

FALTA O BRIGÃO

Vavá hoje é industrial (tem uma metalúrgica) mas não esqueceu o futebol. Indo aos estádios ou vendo tapes, ele conclui que jogadores como Dario ou Dionísio, os "brigões", precisam de uma oportunidade. Sem eles, como poderemos vencer a Tchecoslováquia, a Inglaterra, a Itália, a Alemanha ou a União Soviética, os nossos maiores perigos? E cada vez que Vavá chega a essa conclusão, repete: o que faz falta é um centroavante.

"Estão falando muito em altitude, mas o jogador bem preparado resiste a isso. Botafogo e Santos sempre jogam no México e quase sempre ganham."

Vavá sempre foi um admirador da energia do atleta europeu. E foi dessa energia que nasceu o futebol-fôrça, explorado pelos ingleses, alemães, italianos, espanhóis, tchecos, húngaros, iugoslavos e soviéticos. Para vencê-los, não se pode jogar com loques excessivos ou muita troca de passes para chegar à área. É justamente o que eles desejam, pois têm defesas preparadas para esse tipo de jogo.

"Para vencê-los é preciso um centroavante."

Eu sempre fiz muitos gols, já nem me lembro quantos foram. Eu conheço bem a área.



Na base da tabelinha, com todo mundo carregando a bola, trocando uma infinidade de passes laterais, vai ser difícil o Brasil ter sucesso no México. Se ele quiser disputar a Copa de igual para igual terá que colocar um jogador de área no ataque. Não quer dizer que esse homem seja eu, mas tenho esperanças de ser convocado. O jogador de área a que me refiro tem de ser veloz, inteligente, hábil e bom goleador. Modéstia à parte, eu estou numa fase sensacional. Sei como sair de qualquer situação, não tenho medo de beque violento e já perdi a conta dos gols que fiz no Botafogo, meu único clube até agora. Se eu fosse para a Seleção, já sei como jogaria: colado ao último beque do adversário, o libero, usando a velocidade. Pelé teria de jogar sem bola, atraindo o adversário para fora da área. E os pontas teriam que jogar bem abertos. A Seleção agora está jogando errado: os atacantes voltam para combater o adversário e estão começando a jogar lá de trás. O ruim é que voltam lentamente, tocando muito a bola. Outro defeito: não há ninguém para aproveitar os lançamentos longos. O próprio Jair está perdido na Seleção, não está sendo bem aproveitado na ponta. Não estão sabendo aproveitar a velocidade do Jairzinho, o único que, a meu ver, poderia resolver o problema da falta de um centroavante. (Roberto, 26 anos, 1,74 de altura, centroavante do Botafogo.)

Sou o salvador da Seleção. É só ser convocado que farei gols como Vavá.



Artilheiro tem que ser como eu. Recebo lançamentos ou passes, entro na área e procuro o gol de qualquer jeito. E assim que eu gostaria de jogar na Seleção, para mostrar que joguinho curto não resolve o problema do Brasil. Eu jogo para fazer gols. Jogo assim no Atlético e sou idolo e artilheiro. Joguei assim na Seleção e fiz aquele gol, um dos mais importantes da minha vida (era a Seleção Mineira contra a Paulista, no Parque Antártica). Eu recebi de Dirceu Lopes, entrei na área pela direita; quando os paulistas pensaram que eu não tivesse mais chance, entrei na corrida e chutei. Gols eu tenho feito demais. Gostaria de mostrar ao Saldanha que tenho razão. Precisamos de um homem-gol. Mas Saldanha não quer me dar essa

oportunidade. Por exemplo: se no primeiro jogo com a Argentina o Brasil tivesse um centroavante como eu não perderia o jogo. Na área o negócio é só comigo, eu dou velocidade ao time. Eu falei que o Brasil precisa de um centroavante, no comentário do segundo jogo com a Argentina que fiz para a Rádio Guarani; só que não falei que o homem tinha que ser eu, é claro. Também não me importa que o Tostão tenha dito que o Brasil precisa de jogadores de talento e não de jogadores de choque. Eu só garanto uma coisa: se for convocado marcarei os gols do Brasil na raça, como Vavá em 1958. (Dario, 23 anos, 1,80 de altura, centroavante do Atlético.)

Se eu jogar ao lado de Pelé farei muitos gols. Serei o artilheiro da Copa.



Um radialista garantiu que o Saldanha me chamou de epilético. Foi muito chato ele dizer isso, não foi? Os meus exames médicos estão aí para provar que não sou doente. Mesmo assim eu gostaria muito de ser convocado. E acho que iria corresponder, é só me chamarem. Falo isso sem menosprezar ninguém. Respeito todos os que estão na Seleção, mas o negócio é que eu também sei jogar. O que eu não admito é um cara jogar ao lado de Pelé e não fazer gol. Precisa ser muito ruim. Eu nunca joguei ao lado do "Crioulo", mas quando jogar acho que serei o artilheiro da Copa. Não sou modesto porque acho que a modéstia é uma besteira. É verdade que está faltando um centroavante na Seleção, e acho que esse centroavante sou eu. Tenho confiança em mim, é o suficiente. Há outra pessoa que também tem confiança no meu jogo: é o Julinho, que já foi ponta-direita da Seleção Brasileira. (A opinião de Julinho: "Precisamos de um centroavante versátil: César".) Por isso, acho que poderei ir muito bem na Seleção. E só me convocarem, estarei pronto — mas acho que isso será difícil. (César, 24 anos, 1,74 de altura, centroavante do Palmeiras.)

Podem falar o que quiserem, mas eu não acredito que serei o centroavante.



Eu ouço muito o Saldanha falar que vai me convocar se o Tostão não puder jogar. Ouço muito também os torcedores dizerem que eu já estou na Seleção. Eu ouço tudo isso mas não acredito. Apesar de ter lido nos jornais as declarações de Saldanha,



Em 1962, no Chile, Vavá fez quatro gols. No jogo contra os Ingleses, acima, ele fez um, sempre jogando na frente.

ainda estou em dúvida. (As declarações de Saldanha: "Claudiomiro tem senso de oportunismo para estar no lugar certo quando o goleiro larga a bola; chuta com os dois pés; tem sentido de colocação para cabecear as bolas centradas; sabe tabelar, é veloz e sabe jogar fora da área também. Claudiomiro é o centroavante ideal".) Soube que depois do primeiro jogo com a Argentina o Saldanha foi até a casa do Daltro, técnico do Internacional, para saber como eu estava. Houve uma reunião entre ele, Daltro e os médicos Paulo de Tasso e João Horácio, todos do Inter. Depois Daltro me disse que Saldanha prometeu me convocar. Mesmo assim eu não acredito muito. Apesar de tudo, acho que seria sensacional jogar na Seleção Brasileira. A torcida gaúcha diz que eu sou bom centroavante, mas que tenho um defeito: perto tantos gols quantos faço e me perturbo diante do goleiro. Isso não é verdade. Só perde gol quem entra lá na área e cria situações, quem fica de fora não pode perder, é claro. Eu não comento o ataque da Seleção Brasileira, acho que o Saldanha sabe o que deve fazer. (Claudiomiro, 20 anos, 1,69 de altura, centroavante do Internacional.)



O SÍMBOLO DO MUNDIAL: PICO, UMA ÁGUA FERROZ



México

Pico, uma pequena água que nasceu de uma bola de futebol, é o símbolo novo.

e oficial da Copa do Mundo de 70.

Juanito, o antigo símbolo (um menino mexicano de sombrero, umbigo de fora e calça curta), foi derrotado porque desde que surgiu provocou protestos. Diziam que seu arzinho infantil e inofensivo não dava a imagem exata do povo mexicano.

— O México não é nada disso. O México é luta, é garra.

Depois disso, Juanito foi desaparecendo, até Lance Wyman, um jovem desenhista americano radicado no México, criar a pequena água que joga futebol, que luta e que tem

tôda a garra que Juanito não tinha. Lance define assim seu símbolo:



Brasil

— Pico é completamente diferente de Juanito.

Placar apresenta em primeira mão no Brasil as figuras - símbolos da Copa do México. E ninguém vai poder usá-las sem autorização: aqui no Brasil todos os direitos de reprodução pertencem a uma empresa de São Paulo, a B. A. Levy.



"Não há vencedor certo para a Copa do Mundo. Se houvesse, logicamente não haveria necessidade de disputá-la." — De Sir Matt Busby, o mais antigo e famoso técnico da Inglaterra.



"Se Caetano e Cortez não puderem jogar, nenhum jogador do Peñarol vai se apresentar à Seleção." — Dos jogadores do Peñarol, logo após Caetano e Cortez terem sido suspensos por doping.



"Concordo que não se deve proibir jornalistas na concentração, mas acho um abuso jornalistas irem à concentração para tomar cafézinho e jogar bilhar." — Do supervisor Adolfo Milman, o Russo.



"Se qualquer seleção, em qualquer jogo da Copa, resolver escar o Pelé e o Tostão, podem estar certos de que receberão o título na hora." — De Fontana, goleiro-zagueiro da Seleção Brasileira.

"A altitude do México não é problema e não vai prejudicar ninguém na Copa." — Conclusão de vários cientistas peruanos, após um prolongado estudo feito no Instituto de Biologia de Lima.

Heugel APRESENTA ZE FERINO CONTRA O FUTEBOL-ARTE!



XINGA PELÉ, FALA MAL DA SELEÇÃO, DISCUTE COM SALDANHA, DENTRO DO CAMPO PARECE UMA FERA: UM LÍDER PRECISA FAZER TUDO ISSO. GÉRSO NUNES FAZ, É UM AUTÊNTICO LÍDER.

EIS O SEGUNDO TÉCNICO: GÉRSO NUNES



Reportagem de José Maria de Aquino
Fotos de Lemyr Martins

Jaitzinho faz o gol e Gerson é o primeiro que corre para abraçá-lo. Leão leva o gol, e enquanto os outros jogadores correm para consolá-lo, Gerson faz um gesto de desaprovção. Pelé não dá a bola a um companheiro bem colocado, tentando a jogada pessoal. Gerson levanta o dedo e grita com ele.

Nos treinos, na concentração, no hotel ou nos jogos, em todas as situações, os jogadores da Seleção Brasileira sentem a piada, o riso

ou o grito de Gerson Nunes. Ninguém o classifica de líder. Ao definir o líder, porém, quase todos definem Gerson.

Para Pelé, o líder não se cria nem se impõe: ele nasce líder. No futebol ele surge automaticamente. É o jogador que se afirma pelos gritos certos na hora certa, é o que sente e vê melhor o jogo, é aquele que a cada grito ou decisão vai ganhando — sem que perceba — a confiança de todos. O líder não vive gritando

“eu sou líder”. Ele não necessita de auto-afirmação. O próprio Gerson nunca aceitou ser chamado assim.

— Se ser líder é não querer perder nunca, dentro ou fora do campo, e tratar a todos — cozinheiro ou dirigente — com a mesma dignidade, então eu sou líder aqui, em casa e na rua.

Nos jogos e nos treinos, um pouco antes de começar, Gerson reúne todo o time em três grupos — defesa, meio-de-campo e ataque — e gesticula muito, aponta para todos os lados do campo e procura transmitir a todos o que pensa quando repete uma frase comum.

— No campo eu só chuto a bola, não estou lá para chutar fora os “bichos”.

Seus braços não param nunca, seu dedo indicador está sempre apontado para o lugar que

o companheiro deve cobrir, sua boca está sempre aberta para um grito, e seus olhos nunca olham apenas para a bola. Ele está sempre vendo o campo inteiro e falando com um companheiro que pode estar perto ou muito longe da jogada.

Para os psicólogos é fácil entender seu domínio sobre os companheiros. Sua ficha na CBD diz que ele é emotivo, tem grande coragem, moral elevado, grande autoridade, é sincero e sempre sabe o que quer. Na Seleção, Gerson é o jogador que mais conversa com Saldanha.

JOÃO OUVÉ, ISSO É MUITO BOM

— Converso porque Saldanha admite o diálogo. E esta é, talvez, sua melhor qualidade como técnico de futebol. Se ele não trocasse idéias, não falasse, e depois parasse para ouvir, eu talvez acabasse agindo como fiz com Flávio Costa e outros cabeças-duras que andam por aí ditando regras sem frequentar faculdades.

Gerson acha que para se entender de futebol é preciso ter vivido intensamente o ambiente, ter jogado bem ou ter acompanhado de perto o futebol por muitos anos. Lá de cima, diz ele, é muito fácil criticar ou aplaudir. Mas é no campo que a gente sente o peso do fardo.

— Por isso é que o João está certo. No intervalo dos jogos, ele diz para a gente o que viu de fora, escuta o que temos para contar e muitas vezes aceita nossas opiniões sobre como jogar no segundo tempo. O João não trouxe para cá as manhas dos comentaristas que sabem de tudo, que são os donos da verdade, mas que no duro não enxergam nada.

Depois do primeiro jogo contra os argentinos, em Porto Alegre, Gerson reclamou muito da Seleção Brasileira. Achou a vaia da torcida justificada pelo péssimo futebol jogado pela Seleção e conversou muito com Saldanha.

— Eu ainda acho que é preciso impor uma linha dura na Seleção, para que ela não caia no erro de outras. Não estou falando de linha dura contra indisciplina fora do campo, que não existe. É a linha dura contra a indisciplina tática, contra os vícios que cada um sempre traz do seu clube e que devem acabar antes de a gente começar a enfrentar os gringos.

Do jogo do Beira-Rio para o do Maracanã, Gerson mudou um pouco sua opinião:

— Lá eu estava desesperado porque não gosto de perder jogando pessimamente e para time pior do que o meu. Perder jogando bem não é nada, mas perder sentindo que ninguém faz nada certo é duro. No segundo jogo, ganhamos e melhoramos um pouquinho. Isso me deixou mais calmo. Daqui para a frente precisamos jogar mais vezes e consertar alguns vícios bobos que podem destruir a chance de uma vitória na Copa.

Gerson tem treinado com a mesma disposição com que joga. Grita muito, gesticula sempre e já “proibiu” Saldanha de apitar dois-toques dizendo que ele não ia levar a brincadeira a sério. Mesmo treinando sério, Gerson acha que só muitos jogos podem ajudar o time a se entrosar.

— Treino é como rascunho, não adianta nada. O que precisamos é jogar com adversários difíceis como a Argentina. Sou contra jogos fáceis e fazer dois jogos contra a mesma seleção. É preciso mudar os adversários, escolher times que joguem diferente. E assim que a gente consegue assimilar as situações diversas e aprender como sair delas.

— Um joguinho contra o Flamengo seria bom para a gente mostrar que esse negócio de correria não adianta nada. Muitos sabidos por aí acham que a Seleção precisa correr, dar



NO BOTAFOGO EU ERA A OVELHA NEGRA, O MAU CARÁTER. MAS NINGUÉM SABE QUE NA SEMANA PASSADA O PRESIDENTE DO BOTAFOGO FOI A SÃO PAULO TENTAR ME COMPRAR.

trombadas e arrancar um ponta-de-lança peitudo e trombador. Não é nada disso.

— Quando o João diz que o time precisa tocar a bola, levando-a da defesa para o ataque, sem chutes longos, ele está certo. Na Copa ninguém vai me ver fazendo lançamentos longos, não vai dar para jogar assim. Já enganam os quatro Copas com esse joguinho, agora eles já descobriram o truque. Só os brasileiros ainda entram nessa. No Botafogo eu lançava o Roberto, ele fazia dois gols e a gente já podia descansar.

— Agora, quem sabe jogar deixa sempre dois homens lá atrás, não adianta tentar atrair para jogar nas suas costas. Eles atacam com os quatro do ataque, com os dois do meio de campo e, às vezes, com os laterais. Não adianta colocar um trombador lá na frente, ele não passaria nunca pelos dois zagueiros que guardam posição. A solução que eu vejo é esta: quando formos atacados, nosso meio de campo deve vir para a frente da área e o ataque deve ficar no meio de campo dando combate. De-

pois que roubamos a bola, devemos sair jogando, envolvendo os gringos com troças de passes. Uma vez ou outra talvez dê certo estar uma bola para os pontas, se eles jogarem bem abertos.

— Sei que vai ficar um jogo-de-empurra, um jogo parecido com a dança da quadrilha, mas não pode ser diferente. É jogo para não perder; ganha o que tiver mais sorte ou habilidade. E o nosso time está falhando porque ainda não entendeu isso. Não podemos viver do 4-2-4 que o Santos usa para ganhar de 6 a 4. É ilusão dizer que está certo, só porque sofreu quatro gols mas fez seis. Se o Santos jogasse mais trancado, faria os mesmos seis e tomaria só um ou dois gols. As goleadas acabaram junto com as eliminatórias e só existiram porque os adversários eram fracos. No México, o negócio é jogar pelo 1 a 0.

O LÍDER GRITÃO JÁ MORREU

Nos dois jogos com os argentinos, Gerson deu três bolas para Pelé, entrou para receber e viu Pelé preferir a jogada pessoal. Numa delas, Gerson reclamou aos gritos, nas outras balançou a cabeça e voltou andando para o meio de campo.

— Na primeira, achei que Pelé tinha condições para devolver a bola, nas outras entendi sua condição de atacante: todo atacante é egoísta por natureza. Ele não faz isso por maldade, pois se fizesse eu bronquearia. No Flamengo, o Dida fazia a mesma coisa.

A época do líder-capitão que gritava a todo momento, que ameaçava os companheiros e procurava intimidar os juizes já é coisa do passado. Morreu quando Obdúlio Varela guardou as chuteiras. Hoje ninguém mais admite esse tipo de liderança. Para Saldanha, antes de falar em liderança, é melhor falar em espírito de luta.

— O jogador que mostra maior espírito de luta acaba ganhando a confiança dos outros e acaba aparecendo mais para os que estão de fora. Na Seleção não vamos precisar desse tipo de jogador porque todos terão a mesma dose de espírito de luta. Mas se por acaso surgir um jogador que naturalmente se destaque dos outros, aceitarei sua liderança. O que não pretendo é impor um nome.

Até hoje Saldanha não escolheu Gerson para ser o líder da Seleção, nem pensou em seu nome para capitão. A liderança de Gerson surgiu espontaneamente em seu tempo de garoto, quando jogava num terreno baldio perto da casa de sua tia, em Niterói, e continuou em todos os clubes por onde depois ele passou. No Flamengo, quando Flávio Costa chamou Jordan de “bananeira que já deu cachorro”, para justificar a escalação de Paulo Henrique, Gerson saiu em defesa do companheiro, ameaçou deixar o time e exigiu que o técnico se desculpasse. O caso foi parar na diretoria.

— No Botafogo, sempre fui considerado mau-caráter e agora eles me querem de volta porque sentiram que eu era apenas o jogador que defendia meus companheiros nas horas dos truques armados pelos dirigentes. Sempre entrei nessas paradas, mas nunca aceitei ser capitão do time.

Gerson sente que tem liderança sobre seus companheiros, mas sabe que nunca seria um bom capitão. As duas figuras nem sempre se confundem. O capitão precisa ter calma e personalidade para argumentar com o juiz e ser ouvido. O líder apenas comanda, inspira confiança e acaba se transformando em guia. Mas ele pode até ser malcriado. Como Gerson.

PLACAR



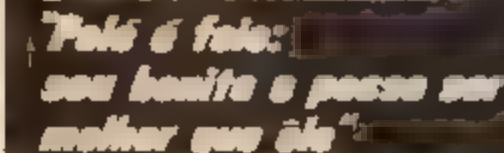
**O SONHO DE PELE,
A TORCIDA DO BRASIL**

A sepia-toned photograph of a young man standing outdoors. He is wearing a dark, long-sleeved shirt and light-colored trousers. He has dark, wavy hair and is looking slightly to the right. The background is a blurred, natural setting with trees and foliage.

Reportagem de Oriel Pereira do Vale
Correspondente em Londres

e se bem que a natureza humana
 não quer que se faça a obra
 sem a graça de um auxílio
 divino.

Após o tempo suspenção de 8 dias
 em 10 de Maio. Markham voltou a 8
 em 10 de Maio. A 10 de Maio. A 10 de Maio.
 The Times esteve
 Res. de 8 set. considerável. 10 de
 10 de Maio. A 10 de Maio. A 10 de Maio.
 10 de Maio. A 10 de Maio. A 10 de Maio.
 10 de Maio. A 10 de Maio. A 10 de Maio.



ALTO, MAGRO FAMOSO E MUITO RICO

the age has 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100 101 102 103 104 105 106 107 108 109 110 111 112 113 114 115 116 117 118 119 120 121 122 123 124 125 126 127 128 129 130 131 132 133 134 135 136 137 138 139 140 141 142 143 144 145 146 147 148 149 150 151 152 153 154 155 156 157 158 159 160 161 162 163 164 165 166 167 168 169 170 171 172 173 174 175 176 177 178 179 180 181 182 183 184 185 186 187 188 189 190 191 192 193 194 195 196 197 198 199 200 201 202 203 204 205 206 207 208 209 210 211 212 213 214 215 216 217 218 219 220 221 222 223 224 225 226 227 228 229 230 231 232 233 234 235 236 237 238 239 240 241 242 243 244 245 246 247 248 249 250 251 252 253 254 255 256 257 258 259 260 261 262 263 264 265 266 267 268 269 270 271 272 273 274 275 276 277 278 279 280 281 282 283 284 285 286 287 288 289 290 291 292 293 294 295 296 297 298 299 300 301 302 303 304 305 306 307 308 309 310 311 312 313 314 315 316 317 318 319 320 321 322 323 324 325 326 327 328 329 330 331 332 333 334 335 336 337 338 339 340 341 342 343 344 345 346 347 348 349 350 351 352 353 354 355 356 357 358 359 360 361 362 363 364 365 366 367 368 369 370 371 372 373 374 375 376 377 378 379 380 381 382 383 384 385 386 387 388 389 390 391 392 393 394 395 396 397 398 399 400 401 402 403 404 405 406 407 408 409 410 411 412 413 414 415 416 417 418 419 420 421 422 423 424 425 426 427 428 429 430 431 432 433 434 435 436 437 438 439 440 441 442 443 444 445 446 447 448 449 450 451 452 453 454 455 456 457 458 459 460 461 462 463 464 465 466 467 468 469 470 471 472 473 474 475 476 477 478 479 480 481 482 483 484 485 486 487 488 489 490 491 492 493 494 495 496 497 498 499 500 501 502 503 504 505 506 507 508 509 510 511 512 513 514 515 516 517 518 519 520 521 522 523 524 525 526 527 528 529 530 531 532 533 534 535 536 537 538 539 540 541 542 543 544 545 546 547 548 549 550 551 552 553 554 555 556 557 558 559 560 561 562 563 564 565 566 567 568 569 570 571 572 573 574 575 576 577 578 579 580 581 582 583 584 585 586 587 588 589 590 591 592 593 594 595 596 597 598 599 600 601 602 603 604 605 606 607 608 609 610 611 612 613 614 615 616 617 618 619 620 621 622 623 624 625 626 627 628 629 630 631 632 633 634 635 636 637 638 639 640 641 642 643 644 645 646 647 648 649 650 651 652 653 654 655 656 657 658 659 660 661 662 663 664 665 666 667 668 669 670 671 672 673 674 675 676 677 678 679 680 681 682 683 684 685 686 687 688 689 690 691 692 693 694 695 696 697 698 699 700 701 702 703 704 705 706 707 708 709 710 711 712 713 714 715 716 717 718 719 720 721 722 723 724 725 726 727 728 729 730 731 732 733 734 735 736 737 738 739 740 741 742 743 744 745 746 747 748 749 750 751 752 753 754 755 756 757 758 759 760 761 762 763 764 765 766 767 768 769 770 771 772 773 774 775 776 777 778 779 780 781 782 783 784 785 786 787 788 789 790 791 792 793 794 795 796 797 798 799 800 801 802 803 804 805 806 807 808 809 810 811 812 813 814 815 816 817 818 819 820 821 822 823 824 825 826 827 828 829 830 831 832 833 834 835 836 837 838 839 840 841 842 843 844 845 846 847 848 849 850 851 852 853 854 855 856 857 858 859 860 861 862 863 864 865 866 867 868 869 870 871 872 873 874 875 876 877 878 879 880 881 882 883 884 885 886 887 888 889 890 891 892 893 894 895 896 897 898 899 900 901 902 903 904 905 906 907 908 909 910 911 912 913 914 915 916 917 918 919 920 921 922 923 924 925 926 927 928 929 930 931 932 933 934 935 936 937 938 939 940 941 942 943 944 945 946 947 948 949 950 951 952 953 954 955 956 957 958 959 960 961 962 963 964 965 966 967 968 969 970 971 972 973 974 975 976 977 978 979 980 981 982 983 984 985 986 987 988 989 990 991 992 993 994 995 996 997 998 999 1000 1001 1002 1003 1004 1005 1006 1007 1008 1009 1010 1011 1012 1013 1014 1015 1016 1017 1018 1019 1020 1021 1022 1023 1024 1025 1026 1027 1028 1029 1030 1031 1032 1033 1034 1035 1036 1037 1038 1039 10

Pe a primeira vez em minha vida e a
seria realmente ver uma coisa assim
um mês
Mas ele mesmo se lembra que na terceira
na terceira rodada
A terceira rodada já não era mais a mesma
e não se podia ver a mesma coisa
em Acha que demoradamente
e sabem por que a terceira rodada
da 66ª rodada não se podia ver a mesma
com jogadores preparados para a terceira
e não sem parar a terceira rodada
excepcional da sexta rodada se lembra na terceira

1. The first part of the document is a list of names and their corresponding addresses. The names are listed in the left column, and the addresses are listed in the right column. The names are: John Doe, Jane Smith, and Bob Johnson. The addresses are: 123 Main St, 456 Elm St, and 789 Oak St.

2. The second part of the document is a table with two columns: Name and Address. The names are listed in the first column, and the addresses are listed in the second column. The names are: John Doe, Jane Smith, and Bob Johnson. The addresses are: 123 Main St, 456 Elm St, and 789 Oak St.

3. The third part of the document is a list of names and their corresponding addresses. The names are listed in the left column, and the addresses are listed in the right column. The names are: John Doe, Jane Smith, and Bob Johnson. The addresses are: 123 Main St, 456 Elm St, and 789 Oak St.

4. The fourth part of the document is a table with two columns: Name and Address. The names are listed in the first column, and the addresses are listed in the second column. The names are: John Doe, Jane Smith, and Bob Johnson. The addresses are: 123 Main St, 456 Elm St, and 789 Oak St.

5. The fifth part of the document is a list of names and their corresponding addresses. The names are listed in the left column, and the addresses are listed in the right column. The names are: John Doe, Jane Smith, and Bob Johnson. The addresses are: 123 Main St, 456 Elm St, and 789 Oak St.

6. The sixth part of the document is a table with two columns: Name and Address. The names are listed in the first column, and the addresses are listed in the second column. The names are: John Doe, Jane Smith, and Bob Johnson. The addresses are: 123 Main St, 456 Elm St, and 789 Oak St.

7. The seventh part of the document is a list of names and their corresponding addresses. The names are listed in the left column, and the addresses are listed in the right column. The names are: John Doe, Jane Smith, and Bob Johnson. The addresses are: 123 Main St, 456 Elm St, and 789 Oak St.

8. The eighth part of the document is a table with two columns: Name and Address. The names are listed in the first column, and the addresses are listed in the second column. The names are: John Doe, Jane Smith, and Bob Johnson. The addresses are: 123 Main St, 456 Elm St, and 789 Oak St.

9. The ninth part of the document is a list of names and their corresponding addresses. The names are listed in the left column, and the addresses are listed in the right column. The names are: John Doe, Jane Smith, and Bob Johnson. The addresses are: 123 Main St, 456 Elm St, and 789 Oak St.

10. The tenth part of the document is a table with two columns: Name and Address. The names are listed in the first column, and the addresses are listed in the second column. The names are: John Doe, Jane Smith, and Bob Johnson. The addresses are: 123 Main St, 456 Elm St, and 789 Oak St.

Region Builders

[illegible][illegible][illegible][illegible][illegible]

Excede.



Mesmo que passe a hora da troca, Shell Super garante o motor.

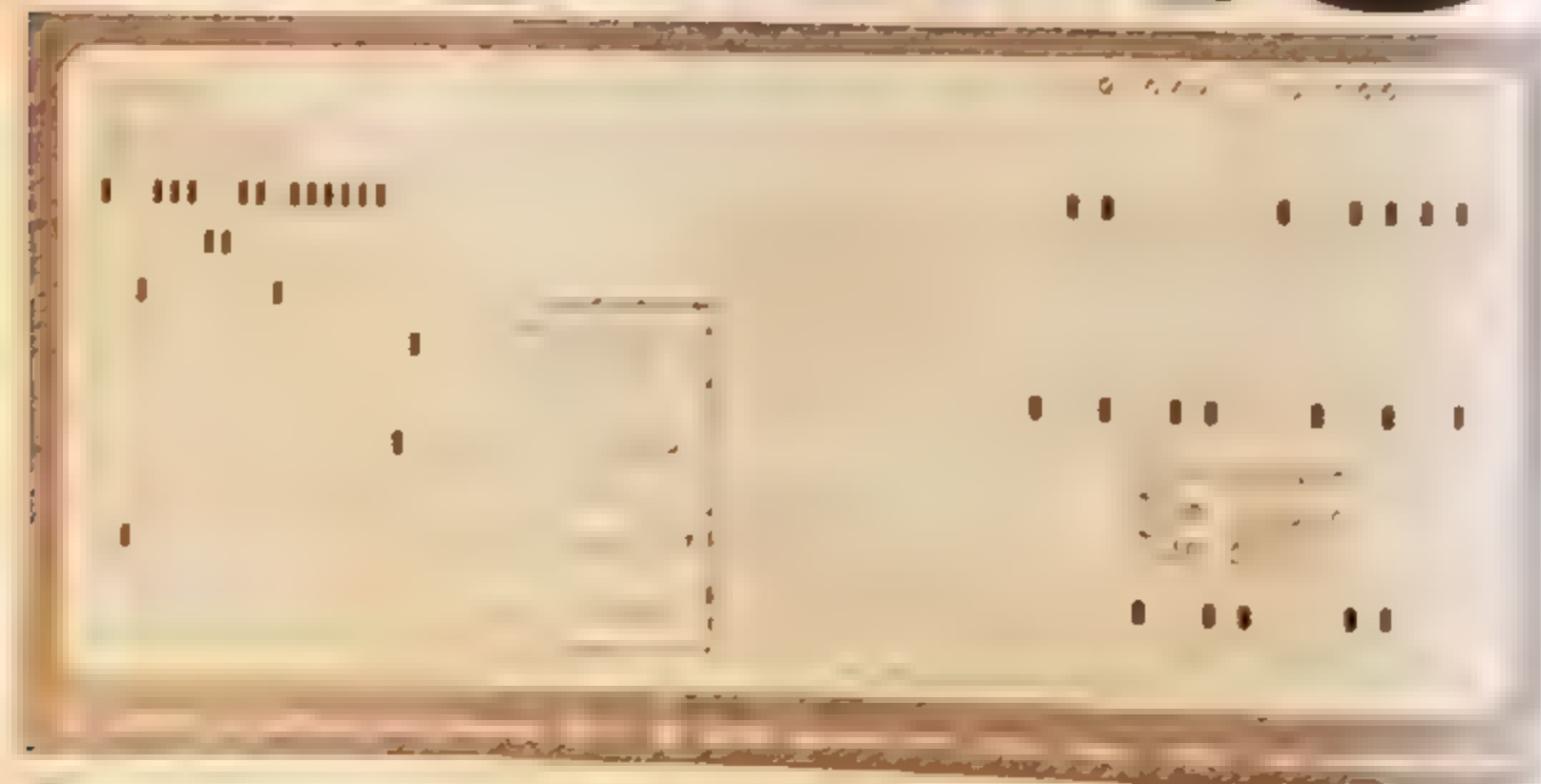
O único óleo que faz você não se preocupar com óleo é Shell Super. Você pode esquecer a hora da troca. Shell Super continua garantindo o bom funcionamento do motor. Shell Super excede as especificações do fabricante do seu carro para os óleos comuns. Mantém sua viscosidade por muito mais tempo. Tranqüilize seu carro. Olhe o mundo. Aproveite a vida. Com Shell Super no motor.



**PLACAR VAI
ENSINAR VOCÊ
A GANHAR
UM MILHÃO
DE CRUZEIROS
NOVOS**



CHEGOU O BOLÃO



Você está começando a ganhar 1 milhão de cruzeiros novos. Examine bem o formulário do Bolão (Loteria Esportiva criada pelo governo federal) que estará a suas portas a partir do dia 7 de maio (inicialmente será lançada em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte) há treze jogos indicados (Copa do Mundo, campeonatos regionais, estrangeiros, amadores etc.) com quadrinhos ao lado onde serão marcados seus palpites (vitória, empate ou derrota).

Não se preocupe com o tempo que esgote na lista e nos locais dos jogos, isso influenciará fundamentalmente no resultado. Para ganhar é necessário acertar os treze jogos. Mas se ninguém conseguir acertar todos os jogos, ganhará o que restar mais, sempre acima de um milhão de cruzeiros. Se o prêmio não for acumulado, o prêmio será dividido entre todos os que acertarem.

Como ficar milionário sem gastar quase nada

Quem vai vencer, Brasil ou Inglaterra? Ao lado da relação dos jogos do formulário há três colunas de quadrinhos (V, X e D). Assinalando uma "cruzinha" em baixo da coluna V, você estará colocando vitória do Brasil, pois a coluna se refere ao time citado no primeiro lugar. Assinalando em baixo da coluna X, estará colocando empate; e, em baixo da coluna D, vitória da Inglaterra.

A aposta mínima do Bolão é de NCr\$ 2,00 (dois mil cruzeiros novos), além dos treze palpites você ainda pode — no mesmo cupom e sem gastar mais — um palpite duplo. Isto é, o mesmo jogo — por exemplo Vasco e Colo-Colo — você pode marcar 1) vitória do Colo-Colo e empate (você só perderia se o Colo-Colo perdesse); ou 2) vitória e derrota do Colo-Colo (perderia se houvesse empate); ou 3) empate e derrota do Colo-Colo (perderia se o Colo-Colo ganhasse).

Mas você pode também fazer quantas combinações quiser (a cada aposta mínima com treze palpites simples e um duplo), lembrando apenas que, para cada combinação adicional, você pagará mais. Por exemplo: se você tivesse marcado vitória e empate no jogo Suécia e Israel; e marcado vitória, empate e derrota no jogo Brasil e Inglaterra, você deveria pagar NCr\$ 2,00 pelo primeiro palpite, multiplicado por três (os três palpites do jogo do Brasil). No total, você pagaria NCr\$ 6,00.

E a cada combinação que você fizer, suas chances vão aumentando. Se preenchesse os três quadri-

JOGOS		PALPITES			TOTAL A PAGAR	
JOGO	TIME 1	TIME 2	V	X	D	VALOR
1	BRASIL	INGLATERRA	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	—
2	FRANÇA	ARGENTINA	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	—
3	URUGUAI	CHILE	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	1
4	PERU	PARAGUAI	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	—
5	COLO-COLO	VAZCO DA GAMA	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	1
6	FLAMENGO	CRUZEIRO	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	—
7	ATLETICO	GOIAS	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	—
8	INTERNASIONAL	BOCA JUNIORS	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	1
9	FLUMINENSE	CAJABATO	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	—
10	AMERICA	OLIMPIA	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	1
11	ATLETICO	BOCA JUNIORS	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	—
12	FLAMENGO	CRUZEIRO	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	—
13	BRASIL	INGLATERRA	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	—
TOTAL A PAGAR						24
VALOR A PAGAR						24,00

SAIBA CALCULAR SEU JOGO É um formulário parecido com este (foi usado na segunda experiência com o público) que você receberá para fazer suas apostas. No formulário acima, além do jogo normal (treze resultados simples e um duplo) ainda estão marcados dois jogos duplos e um triplo. O cálculo do total a pagar é feito assim: NCr\$ 2,00 da aposta normal multiplicados por NCr\$ 4,00 (valor dos jogos duplos, pois cada um custa NCr\$ 2,00); dá NCr\$ 8,00. Esses NCr\$ 8,00 são multiplicados por NCr\$ 3,00 (o valor de cada jogo triplo), o que dá o total de apostas que você tem de pagar: NCr\$ 24,00. A Loteria Federal ainda fará duas experiências com o público. A primeira será no Rio de Janeiro, dia 19 de abril; e a segunda em São Paulo, Rio e Belo Horizonte, no mês de maio.

em todos os jogos, você cobrirá todas as hipóteses possíveis. Isto é, você estará combinando todos os resultados de cada jogo com as três alternativas (vitória, empate e derrota) dos outros jogos. Assim, você chegará ao limite máximo das combinações e não perderá de jeito nenhum, pois "cobrirá" todos os resultados possíveis de cada jogo.

Mas há um problema: preenchendo todas as hipóteses, você terá de pagar NCr\$ 1.549.323,00, e isso seria muito mais do que o prêmio. Pensar em fazer o Bolão assim é uma tarefa impossível. Mas você pode preencher dois ou três quadrinhos em alguns jogos, usando vitória e empate de seu time preferido, ou marcando todas as possibilidades de resultado num jogo que achar muito difícil. Desse jeito, você gastará mais (lembrando-se de que passando de treze palpites simples e um duplo, você tem que pagar NCr\$ 1,00 para cada combinação de apostas).

Pronto, o formulário está preenchido. É 1 milhão de cruzeiros novos que você poderá receber a

partir de segunda-feira. Entregue o formulário ao agente ou posto da Caixa Econômica Federal. Seus palpites serão passados para um cartão numerado que será perfurado e recolhido junto com todos os outros a um computador IBM. O vencedor do Bolão será apontado pelo computador já no domingo, a noite do cálculo para a apuração, segundo experiência, é de 17 minutos. Não há perigo de extravio ou erro, porque o cartão será perfurado pelo agente em sua presença; uma cópia será recolhida ao computador, e outra permanecerá com você. Será fácil confirmar que você ganhou: a Caixa Econômica divulgará o resultado pela imprensa, pelo rádio e pela televisão, com todos os detalhes (número do cartão vencedor, quantas pessoas ganharam e de quanto foi o prêmio).

Se um jogo for adiado, o resultado será decidido por um sorteio feito no próprio domingo pela Caixa Econômica, através de uma urna com três bolinhas (V, X e D).

O esquema do Bolão está bem planejado, há sempre uma solu-

ção para todas as alternativas e é tudo muito simples. Por exemplo: o prêmio será sempre 45% do total arrecadado a ser pago ao vencedor ou vencedores, isto é, um ponto de renda. Calculando, você ganhará cerca de 1 milhão de pessoas semanalmente, preenchendo em média mais um resultado além dos treze normais. Assim, ser-se-á arrecadados NCr\$ 2.000.000,00 e o prêmio mínimo (45%) seria de NCr\$ 900.000,00. Mas o prêmio subirá na proporção em que aumentarem as apostas. O cálculo foi feito com base em estudo das loterias esportivas de Portugal, Itália, Bélgica, Inglaterra e outros países da Europa.

O importante no Bolão é que ele o fará milionário em 170 minutos de futebol (treze jogos). Mesmo que você não seja um especialista no assunto, pode ficar descansado se todos os resultados do Bolão fossem jogados, certamente haveria milhares de vencedores toda semana. Não é preciso mais nada, pois Placar conta semana a semana a você tudo sobre o Bolão.



O FLAMENGO NUNCA CORREU TANTO. GANHOU TANTO, LUTOU TANTO COMO NOS ÚLTIMOS MESES O FLAMENGO GANHOU A FAMA DE TIME INVENCÍVEL, A GLÓRIA DE TIME QUASE PERFEITO E UM POUCO MAIS DA PAIXÃO DE SUA TORCIDA GIGANTE. E SEU FUTURO SERÁ O RETRATO DO FLAMENGO DE HOJE, PELO MENOS ENQUANTO O HOMÃO ESTIVER LÁ, BERRANDO VITÓRIA.

IUSTRICH E FLAMENGO, O DOPPING DO AMOR

Instituto de Física
de São Carlos
em São Carlos.

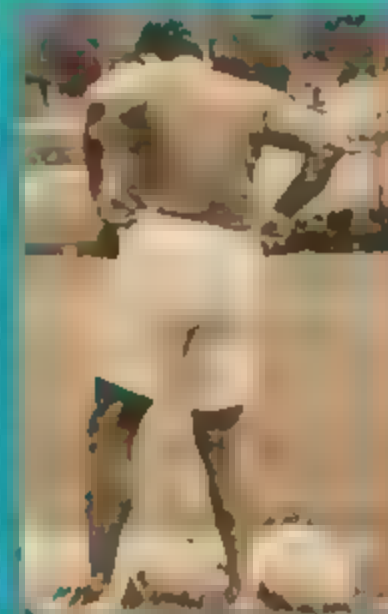
Brasil, O Brasil
e o Brasil.

Brasil, São Paulo
e o Brasil.

Brasil, São Paulo
e o Brasil.

Brasil, São Paulo
e o Brasil.

Brasil, São Paulo
e o Brasil.



Bolinha não ganha jogo, mas se ganhasse Iustrich usaria.

O CARTEL DE UM CAMPEÃO: FLAMENGO

Data	Jogos	Locais	Artilheiros	Renda	Renda total
18.1	Fla 1 x 1 América (Mina)	B. Horizonte	Anilson	NCr\$ 31.400,00	NCr\$ 1.761.131,00
23.1	Fla 4 x 2 Rio Branco	Vitória	Liminha (2) Zaneta e Dionísio	NCr\$ 150.102,86	Média por jogo
25.1	Fla 4 x 0 Ferroviária	Vitória	Flo. Nei Anilson e Deval	NCr\$ 132.023,90	Renda no Rio
1.2	Fla 4 x 0 Vila Nova (Mina)	Góvoo	Martins (contra) Zaneta, Nei e Flo	NCr\$ 27.790,00	NCr\$ 1.323.023,90
5.2	Fla 1 x 0 Tupi	Juiz de Fora	Blanchini	NCr\$ 39.000,00	Média por jogo
15.2	Fla 4 x 1 Romênia	Maracanã	Anilson (2) Deval e Dionísio	NCr\$ 781.590,85	NCr\$ 264.604,78
18.2	Fla 6 x 1 Independente	Maracanã	Deval (2) Liminha, Dionísio (2) e Flo	NCr\$ 219.777,25	Gols sofridos 5
22.2	Fla 2 x 0 Vasco	Maracanã	Anilson e Liminha	NCr\$ 457.287,50	Média por jogo: 0,4
1.3	Fla 0 x 0 Peñarol	Maracanã	—	NCr\$ 312.323,65	Flamengo e Vasco, no
8.3	Fla 0 x 0 Botafogo	Maracanã	—	NCr\$ 304.521,00	Maracanã foi o jogo
11.3	Fla 4 x 0 São Cristóvão	Maracanã	Zaneta, Flo e Dionísio (2)	NCr\$ 29.104,50	de maior público, com
					114.928 pagantes



A HISTÓRIA DO GALO, E OUTRAS HISTÓRIAS

Três histórias de Dava. Kripell, 52 anos, 1,89 m, 128 quilos. Dez jornadas católicas aliavam com ele e não prestavam muita atenção na conversa sobre briga de galo, até que o assunto surgiu. E todos em silêncio ouviram a história de um galinho branco, japonês, filho de Carrasco.

Fui desafiado para "cruzar" o gar, meu galinho japonês com outro mais velho e mais pesado. Foi grande a como se esperava meu galinho começou a desvantagem, pois ainda não estava formado fisicamente e nem tinha peso para brigar. Mesmo assim, e não fugiu à luta em nenhum momento, então a estresse sou o derrotado. Meus amigos e parentes pediam para suspender a luta, mas acho que meu galinho nunca poderia perder, mandei a luta continuar até que ele caísse no chão com a cabeça encostada na parede. E foi uma vitória na luta. Aqui faz o filho do "Carrasco" que morreu para não fugir da luta.

2.ª história

Quando Iustrich em Portugal treinava o Futebol Clube do Porto, o "Homão" quase virou notícia internacional. O Porto acabara de ganhar o campeonato e ele, que sempre se preocupou com a torcida, fez o time dar duas voltas simplicas. Frênzi, zagueiro, não atendeu ao pedido do técnico e por isso tomou uns tapas dentro do vestiário. Mas logo depois para não brigar com o técnico, Portugal e na correria até um campeonato. Iustrich veio para o Brasil. Frênzi era sargento do Exército.

3.ª história

Há algum tempo o Atlético não ganhava do Cruzeiro. Dirceu Lopes fez 1 a 0, mas o Galo ganhou com gols de Oldair e Dario. Foi um dia feliz para a grande torcida do Atlético. No vestiário a festa era grande. Ali o Homão entrou e gritou:

Seus safados, silêncio! Seus mãs, agradecidos. Todo mundo de joelhos! Vamos rezar para Nossa Senhora Aparecida, agradecer a vitória.

Zerinho Miguel, seu ajudante desenrolou a santa de uma toalha todos se ajoelharam. Iustrich recitou uma Ave-Maria e todos acompanharam.

Depois o "Homão" saiu, tranquilamente e a festa recomeçou.



TONINHO ESPERA TOSTÃO



Toninho sabe encontrar o caminho das rédeas. E demonstrou isso com um gol sensacional contra a Portuguesa. Seus companheiros de time dizem que ele não tem problemas de adaptação, que logo voltará a justificar o apelido de Guerreiro da Vila, de seus tempos do Santos. Os dois gentes estão na mesma linha: Toninho é corajoso e tem jogado o que sabe.

O que falta a Toninho? Quase certamente um companheiro que o entenda, capaz de marcar passes curtos, de ajudá-lo no trabalho de área. Tostão parece ser o homem que os dirigentes do São Paulo buscam: o vice-presidente Henri Aïdar vai esta semana a Belo Horizonte, para tentar comprar o passe do centroavante do Cruzeiro e da Seleção Brasileira.

A compra de Tostão é um velho sonho do São Paulo. Seus dirigentes já a anunciaram mais de uma vez. Agora se dizem dispostos a qualquer sacrifício para fechar o negócio. Henri Aïdar promete que o São Paulo "paga do bilhão".

Domingo, no Morumbi: São Paulo e Portuguesa. Em 90 minutos de futebol, Toninho deu apenas um chute a gol. E a volta de Toninho depois do corte e de sua situação se tornou tema de acesos debates. Nessa volta, quem foi que ajudou Toninho a procurar o gol?

Carlos Alberto, Nenê e Lourival — os homens de meio-campo — não souberam lançá-lo; várias vezes ele teve que voltar para buscar a bola, uma obrigação que não é sua. Como resolveria o problema de Toninho? Nas poucas partidas que jogaram juntos não ficou essa impressão. Agora, tal possibilidade terá para depois da Copa.

Toninho também não tem com quem falar: Babá está muito longe da agilidade mental de Pelé, recebe a bola e não sabe devolvê-la rápido. O zagueiro Marinho, da Portuguesa, tem a mesma opinião.

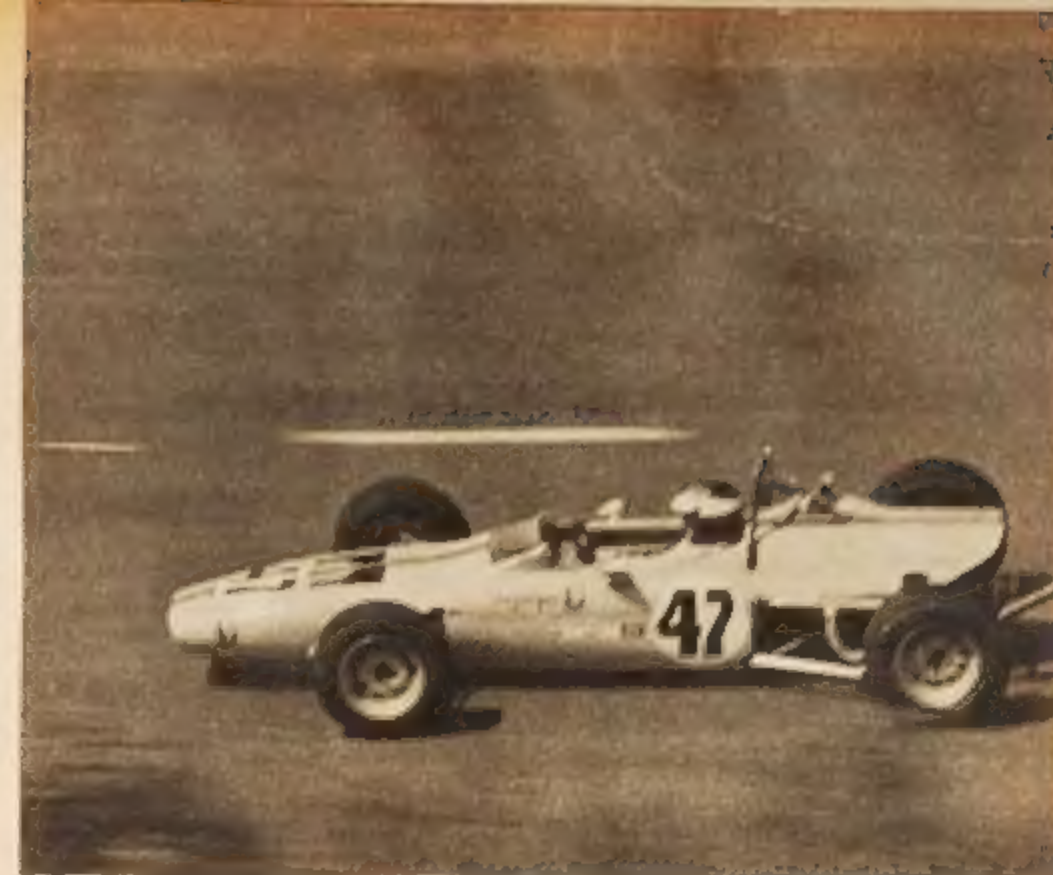
— Ele não tem parceiro dentro da área. Dá e não recebe de volta.

O zagueiro Jurandir, do São Paulo, acha que Toninho estará entorpecido dentro de seis meses. Mas Henri Aïdar não quer esperar tanto tempo assim. Prova disso é que vai tentar comprar Tostão.

A bola pingou alta na área e Toninho deixou-a rolar pelo chão. Antes que ela chegasse ao chão, ele virou forte, com o pé direito; alguns segundos entre a jogada (uma obra de arte) e o gol.



**Um piloto que
não erra e sabe
usar a cabeça.**



LUISINHO, O BOM

Reportagem de Alceu Gama — Fotos de Lemyr Martins e J. Tavares

Na véspera de sua partida para a Europa, onde vai correr na Fórmula 5000 — semelhante em desempenho à Fórmula 1, do Campeonato Mundial de Pilotos —, Luis Pereira Bueno mostrou no Festival de Velocidade de Interlagos, São Paulo, que está em excelente forma. Dono de excepcional técnica, veterano aos 32 anos, Luisinho venceu duas das quatro provas de que participou. Primeiro, a de monopostos, em que levou a vitória seu Merlyn (Fórmula Ford), que liderou a competição de ponta a ponta. Depois, na categoria de turismo e protótipos, não se impressionou com a largada da carreteira de Camilo Cristóforo e do Opala do mineiro Toninho da Mata. Venceu aproveitando toda a estabilidade e rapidez do seu Bino-Mark II na saída de curvas.

Rápido e combativo, Luisinho não comete erros quando corre e raramente quebra o automóvel. Na temporada de Fórmula Ford no Brasil, só o azar lhe impediu melhor classificação. Venceu a segunda prova no Rio e venceu a primeira bateria na prova de abertura do Torneio Internacional, mas o seu Merlyn quebrou a suspensão dianteira na segunda bateria, quando estava em segundo. Dos pilotos brasileiros, era o que mais ameaçava a vitória de Emerson Fittipaldi. Nos 500 Quilômetros de Belo Horizonte (Prova Marcelo Campos), conseguiu levar seu Bino-Mark II quando funcionavam apenas duas marchas; mesmo depois de furar um pneu, chegou em honroso terceiro.

O Merlyn Ford é um velho conhecido de Luisinho, que o pilotou na Inglaterra.

E o Bino-Mark II, com que venceu a prova de turismo e monopostos de domingo, ele viu nascer.

Na primeira bateria da categoria de monopostos, Luisinho largou na frente, com Sérgio Matos a persegui-lo num Fórmula Brasil (motor VW 1600). Mas Sérgio não aguentou o ritmo; na segunda volta, o motor pifou. A atenção do público voltou-se para o segundo lugar, disputado por Sérgio Magalhães e Salvatore Amato, ambos com carros de Fórmula Ford: Merlyn (Sérgio) e Macon (Amato). Na segunda bateria, a história se repetiu: Luisinho tirou enorme vantagem sobre o segundo colocado (quase uma volta), que era Salvatore Amato. E Sérgio não conseguiu deslizar-se de Salvatore Amato, que o superara na primeira bateria; depois de correr algumas voltas na frente, entrou nos boxes com o motor falhando.

Na categoria de turismo e protótipos, a vitória de Luisinho chegou a ser monótona: piloto e carro eram superiores aos adversários. Luisinho venceu as duas baterias. Na segunda, não se intimidou com a potência da carreteira de Camilo Cristóforo. Assumiu a liderança na terceira volta, depois de aproveitar as curvas para diminuir a diferença de Camilo.

Outros Luisinhos do futuro entraram na pista no festival de velocidade: a prova de estreantes reuniu 44 pilotos, entre eles uma bela moça, Cláudia Vieira, que nem terminou a prova. A vitória coube a Nilson Clemente, que se valeu não só de sua segurança, mas principalmente da superioridade de seu carro, que era o mais potente: um Opala.



Luisinho — vencer é um velho hábito: na frente de Camilo, na categoria de turismo e protótipos; ou só, em primeiro lugar, na categoria de monopostos, com o Merlyn 47 (Fórmula Ford).



**PELÉ
SABE COMO
NÓS PODEMOS
VENCER A COPA.
POR QUE PERDEMOS DA
ARGENTINA E ATÉ
QUEM DEVERÁ
SUBSTITUIR
TOSTÃO**

VAMOS GANHAR SÓ NOS FALTA HUMILDADE

Reportagem de Michel Laurence — Fotos de Lemyr Martins e Agência JB

Dentro de dois meses ele estará no centro do campo do Estádio Jalisco, em Guadalajara, esperando o toque na bola do centroavante da Seleção (tomara que seja Tostão), para começar sua quarta Copa do Mundo e tentar ser o único jogador da história a ganhar a Taça Jules Rimet pela terceira vez.

— Como é o negócio? A Copa fica definitivamente com a gente ou seria preciso ganhar três vezes seguidas?

O adversário do primeiro jogo (3 de junho) será a Tchecoslováquia um time de uniforme branco como o primeiro adversário do Brasil na Copa de 66, a Bulgária (o Brasil ganhou de 2 a 0).

— Provavelmente, como em todas as Copas, não me darão tempo sequer para dominar a bola. Vou ter que fazer as jogadas, pelo menos nos 30 minutos iniciais, sempre de primeira.

No segundo jogo da Copa de

66, o Brasil perdeu de 3 a 1 para a Hungria.

— O Brasil melhorou muito, mas ainda precisa melhorar mais, muito mais. Ainda existem falhas (eu deixo para Saldanha comentá-las). Sabe, no Brasil futebol é coisa muito difícil. Todos entendem um pouco ou muito.

No terceiro jogo da Copa de 66, o Brasil perdeu de 3 a 1 para Portugal e foi desclassificado nas oitavas de final.

A GRANDE DERROTA

— O Brasil se preparou muito bem para as eliminatórias deste ano. Fez um trabalho sério e o resultado foi que ganhamos quase com facilidade. Para a Copa do Mundo precisamos fazer a mesma coisa. Mas para isso precisamos da colaboração de todo mundo. A imprensa precisa apoiar o nosso trabalho e evitar que simples mal-entendidos se transformem em grandes crises.

Em 66, o Brasil era considerado o favorito, como hoje. Dizem que perdemos a Copa por causa de um exagerado e prejudicial otimismo.

— Olha, gente, a nossa grande arma desta Copa tem que ser a humildade. Sem humildade não adianta nada. Sabe por quê? Um time humilde não treme diante da responsabilidade. Esse time sabe que vai ter de lutar muito para ganhar o jogo. E lutará. Todos unidos pela humildade. E time unido e humilde ganha algo que não sei definir muito bem. Mas sei de uma coisa: era o que o Brasil tinha em 58 e 62. Quando a gente não acredita muito, sempre procura fazer mais força, talvez até mais do que o necessário. Quando a gente pensa que já ganhou, o corpo parece ficar mole. Acho que um time que tenha humildade e seja organizado pode nos dar a Copa pela terceira vez.



Pelé quer repetir este gesto. Na Seleção de hoje é o único que viveu as glórias de 58 e 62. Mas é também uma das vítimas da derrota de 66.

O Brasil não precisou disputar as eliminatórias de 66. Era o bicampeão do mundo, time respeitado e famoso, talvez o tri naquele ano.

— Durante as eliminatórias deste ano duvidavam um pouco do nosso time e isso foi parecido com 58. Naquela Copa também saímos do Brasil bastante descreditados. Por isso gostaria que agora o otimismo se transformasse em respeito ao adversário. Repito à Seleção só precisa disso: humildade e organização. Na Copa vamos precisar estar melhor ainda, os adversários são mais duros. E num mundial os times jogam com muito mais raça do que em uma partida eliminatória.

Quando o Brasil chegou à Inglaterra, o número 9 da Seleção, o companheiro de Pelé no ataque, era apenas uma esperança. Poderia ser Silva, como Alcindo, talvez até Tostão. Mas Tostão naquele ano era um garoto mineiro, desconhecido, que tinha chegado à Seleção mas as razões eram pouco conhecidas. Naquele ano não houve tempo para ninguém provar que poderia ser o companheiro ideal do rei.

DIRCEU É TOSTÃO?

— Não há mais dúvida: Tostão está bom e vai voltar a jogar como antes. Há um único problema: ele conseguirá ter

condições físicas até a Copa? Se conseguir, tudo ficará melhor, porque com ele o time já está treinado. Mas se Tostão não jogar, o Dirceu vai resolver o problema. Vocês precisam saber de uma coisa: Dirceu Lopes é craque. Ainda não acertou porque nós precisamos treinar, precisamos jogar juntos. Vocês precisam entender também que com o Dirceu no time as coisas mudam um pouco: eu tenho que ocupar a posição de Tostão e o Dirceu tem de ocupar a posição que era minha. E eu não estou acostumado, como ele também não. Mas tudo é uma questão de treino. Já disse que Dirceu é craque, e craque joga em qualquer posição, em qualquer lugar.

A derrota de 66 foi considerada sob vários ângulos: falta de organização, falta de defesa, falta de centroavante, falta de treino. Foram convocados 44 jogadores, em cada treino entrava em campo um time titular diferente.

A PRIMEIRA DERROTA

— Quando falo que é preciso treinar, quero mostrar a diferença que existe entre a Seleção Brasileira e as européias. Elas não jogam quando não estão preparadas. E nós jogamos. Jogamos com a Argentina e iríamos jogar com a Itália, União Soviética e Bulgária, se aceitassem o nosso convite. Eles responderam que não tinham datas. Talvez isso não seja verdade, talvez eles achassem que não estavam preparados para jogar com a gente. Nós somos diferentes: pegamos onze jogadores, treinamos três dias e entramos em campo. Foi por isso que perdemos o primeiro jogo para a Argentina.

Tudo que aconteceu em 66 não vai se repetir este ano, não é, Pelé?

— E. Este ano nós vamos ganhar, com humildade.

AS TRÊS COPAS DO REI

1958

**ERA UMA VEZ
UM MENINO QUE VIVEU UM
CONTO DE FADAS**

"Olha, para outro garoto de minha idade, dezessete anos, acho que somente estar lá com a Seleção Brasileira já era o bastante. Mas para mim, não. Eu queria jogar, acho que era um pouco atrevido, mas queria disputar a bola, tentar ganhar o jogo. Hoje, pensando bem, vejo que eu era realmente bastante criança. Até hoje não consigo dizer o que eu sentia ao jogar naquela Seleção (Gilmair, De Sordi (Djalma Santos), Belini, Orlando e Nilton Santos; Zito e Didi, Garrincha, Vavá e Zagalo).

"Sei que aquela, sim, foi uma grande Seleção. E eu só pensava em jogar. Mas não pude começar jogando, estava machucado, só entrei contra os russos, no terceiro jogo. O Brasil já tinha ganho da Áustria (3 a 0), na estreia, e empatado com a Inglaterra (0 a 0).

"Quando Vavá me colocou a bola, naquela tarde, em Udevalla, na Suécia, eu estava tremendo, confesso. Mas depois toda a emoção foi passando. O Mané logo chutou uma bola na trave de Iashin. Pouco depois, Vavá marcou o primeiro gol. Não demorou muito e dei um passe para Vavá marcar o segundo: estávamos classificados, nossa fama crescia, já se falava que seríamos campeões.

"Embora ficasse apreensivo nos primeiros minutos do jogo contra os russos, acho que fiquei nervoso mesmo foi contra os sucos, no jogo decisivo. Mas depois que o jogo começou, também esqueci tudo, até que estávamos disputando o título.

"Engraçado, agora começo a recordar tudo: o nervoso mesmo, preocupado, fiquei quando se começou a falar nos cortes. Estava machucado, fiquei com medo mesmo.

"Entretanto, o jogo mais difícil dessa Copa foi contra o País de Gales. E eu me lembro bem de que todos nós achávamos que esse seria o adversário mais fraco, que não iria engrossar. No fim, ganhamos apertado, eu fiz aquele gol nem sei como, pois a defesa deles não se descuidava. Foi uma revanche dura, que jamais esquecerei.

"O outro jogo era contra a França. O time deles tinha Kopa, um artilheiro, mas nós tínhamos já a confiança necessária para enfrentá-los. A França marcou primeiro, chegou a fazer outro, mas nós fizemos cinco. Só faltava a Suécia, que também entrou marcando um gol em Gilmair, mas nós reagimos: 5 a 2. E a Taça Jules Rimet, a Copa do Mundo, o cumprimento do Rei Gustavo, a grande alegria e a grande festa da volta.

"Muita coisa influiu naquelas nossas vitórias: a falta de confiança do povo, dos adversários, nossa saída descreditada do Brasil. E, principalmente, aquele era um time humilde, que respeitava todos os adversários, que não entrava em campo pensando que já era campeão, mas sabendo que seria preciso lutar muito para vencer. Foi esse espírito que ganhou aquela Copa na Suécia.

"Saímos do Brasil quase sem apoio nenhum, sem muita festa, sem prometer nada. Aos poucos a Seleção foi-se entrosando, começou a ganhar, adquiriu confiança, tudo dava certo, não era preciso forçar nada.

"E querem saber de uma coisa: a Seleção de 58 era tão boa, tinha tanta união, era tão bem organizada, que ganhou novamente em 62. Com humildade."

1962

**ERA UMA VEZ
UM HOMEM QUE ACREDITOU
EM SEU AZAR**

"A bola está parada aos pés de Vavá e mais uma vez eu espero o apito do juiz. Era em Viña del Mar, lá no Chile. Vavá toca a bola, o jogo começa. Como sempre, meus nervos estão tensos, apesar de o adversário ser o México.

"Naquela Copa eu fiquei com a impressão de que tinha azar em Campeonato do Mundo.

"Eu conduzia a bola pelo campo da Tchecoslováquia. Todos esperavam o que eu ia fazer. O futebol europeu ainda não tinha adquirido um estilo de tanta violência, com a intenção de destruir a jogada antes mesmo de ser começada. Procurei alguém para passar a bola. Não encontrei. Parti para o gol. Tomei velocidade e tentei um chute: peguei mal na bola. Minha perna esticou demais e uma dor aguda subiu pelo meu corpo. Estava tudo acabado para mim.

"Sabe lá o que é se preparar durante quatro meses para seis jogos e só jogar uma partida e meia? Era muito azar. Num Campeonato Paulista eu joguei quarenta vezes e não acontece nada. Na Copa eu me machuquei logo no segundo jogo. Sofri que não queria saber quanto.

"Foi fazer número na ponta esquerda. Sabia que não podia continuar, mas não quis sair. Então, a bola veio para mim. Eu a dominei e fiquei esperando um companheiro. Foi quando o Masopust, o maior cara do time da Tchecoslováquia, se aproximou de mim. Eu pensei: é agora?

"Então aconteceu um negócio que eu nunca mais esqueço. Masopust saiu da minha frente e eu acho que passei a bola para um companheiro.

"No Chile, nosso time era quase o mesmo de 58. Só que mais cansado, com mais experiência e confiança. A delegação era muito organizada. O nosso maior problema sempre foi organização e isso sobrava em 62. Didi, Nilton Santos, Zito e Gilmair organizavam o time dentro de campo. Os dirigentes procuravam ajudar fora dele.

"Eu estava tão desesperado para jogar que até pedi ao Dr. Hilton Gosling que desse uma injeção na minha virilha. Ainda bem que ele negou. Esse favor eu devo a ele.

"Sentado na arquibancada, entre torcedores brasileiros, eu vi o Brasil ser campeão. Vi Garrincha e Amarildo fazerem tudo aquilo que eu gostaria de ter feito: correr atrás da bola, lutar pela vitória.

"Mas sofrer, sofrer mesmo foi no jogo com a Espanha. Foi uma parada muito dura e eu acho que só ganhamos por sorte. Mas nós merecíamos.

"O time estava muito bem armado, estruturado, e os europeus ainda não haviam descoberto a maneira de parar o nosso jogo clássico. Até Amarildo fazer o segundo gol, nunca sofri tanto dentro de um campo de futebol. Foi duro mesmo.

"É como se estivesse agora num cinema: eu me vejo correr capengando para abraçar meus companheiros. Lembro que tinha de andar com a perna sempre dura para proteger o músculo da virilha.

"Lembro a vontade de jogar, de entrar com bola e tudo no gol dos gringos mas só poder ficar olhando. Eu tive muitas alegrias no Chile, mas estas lembranças estão misturadas com algumas mágoas. No Chile, eu me convenci de que dava azar."

1966

**ERA UMA VEZ
UM JOGADOR QUE VIU SEU
SONHO MORRER**

"Em Liverpool, Inglaterra. Alcindo era o centroavante, estava a meu lado, à espera do apito do juiz. Eu não sabia que a Inglaterra me reservava uma sorte muito pior do que a do Chile.

"Na Inglaterra foi tudo ao contrário de 58, na Suécia. Já saímos campeões do Brasil. Por todo lado havia excesso de admiração, esse inimigo que me mete tanto medo.

"Pela segunda vez numa Copa do Mundo, eu marquei apenas um gol, assim mesmo de bola parada, numa falta contra a Bulgária. Eu não joguei contra a Hungria, pois todos esperavam que eu decidisse o jogo com os portugueses.

"Mas tudo foi errado. Todos queriam mandar. Quem não queria estar na delegação que iria ser campeã do mundo?

"O Brasil não estava preparado para a Copa. Vi tanta coisa errada durante os treinos que nem gosto de recordar.

"O jogo com Portugal era decisivo para as esperanças do Brasil. Eu lutei como nunca, dei tudo de mim. Queria convencer-me de que não tinha azar na Copa. Mas não esperava o jogo dos portugueses. Fui caçado a pontapés, barrado de qualquer maneira.

"Primeiro, levei um esbarrão de Coluna; depois, na mesma jogada, foi a vez de Moraes. Eu sentia dores por todo o corpo, já não podia continuar.

"Sinceramente, nunca acreditei que venceríamos Portugal. Em cada jogo daquela Copa, o Brasil escalou um time diferente. Vi tudo calado, amargurado. Quando não aguentei mais, disse que não queria mais jogar na Copa.

"Enrolado num cobertor (fazia um frio de rachar) e ajudado por um guarda e pelo Dr. Hilton Gosling, caminhei para o banco dos reservas. Bandeiras brasileiras eram enroladas nas arquibancadas. Aquilo doía no meu coração.

"Amargurado, vi o Brasil se despedir do sonho do tricampeonato.

"Muita gente pensa que eu não queria mais jogar na Copa por causa dos pontapés que levei. Mas não foi nada disso. Afinal, também apanhei muito contra a Bulgária.

"Eu não sou supersticioso, mas sempre que me lembro destas coisas tôdas costumo cruzar os dedos em figa, como para afastar de mim o azar, o azar que pretendo evitar no México.

"Eu me lembro muito bem de tudo o que aconteceu em 66. Justamente por isso, não gosto quando ouço alguém dizendo que o Brasil vai ganhar na certa, que a Copa já é definitivamente nossa. É necessário que se treine bastante, que se tenha humildade.

"Não foram os pontapés ou o jogo duro dos europeus que nos venceram em 1966. Foi o otimismo de todos, a vaidade de alguns e a insegurança que tomou conta dos dirigentes quando a realidade nos castigou. Simplesmente isso."

Pelé conheceu a alegria de um campeão mundial quando tinha dezessete anos e assim que terminou o jogo Brasil 5, Suécia 2, em 58. Foi um sucesso tão rápido como o choro que molhou os ombros de Gilmair (foto ao lado). Quatro anos depois, o talento do nosso rei era destruído nos campos do Chile, no meio do jogo com a Tchecoslováquia, segundo da Copa. Uma distensão muscular transformou-o no jogador mais calado e triste da concentração do Brasil. A tristeza continuou em 66 (foto ao alto): Pelé não passou de simples caça, vítima da violência. O Brasil caiu com ele.



CARTA DO EDITOR

Estamos entrando em campo para jogar ao lado do Brasil. Na sede de uma nova Copa do Mundo, aqui está o nosso PLACAR: marcado pelo carinho de um sonho de quase vinte anos.

Há vinte anos, quando era fundado a Editora Abril, nascia também a ideia de PLACAR. Era 16 de julho de 1950, uma data que o futebol brasileiro jamais esquecerá. As lésias das duas primeiras Copas, 1950 e 1954, e as lembranças da jornada quase ininterrupta de 18 desastres em Maracanã na monumental Copa de 50, para formar a torrente de um time quase invencível. Mesmo preocupado em consolidar as bases de nossa edição, fomos conquistados pela "febre da Copa", passando a viver aqueles dias de julho sob a temperatura altíssima de incômodas emoções. E, como todos, também sofremos o grande impacto da conquista uruguaia, saudada no próprio estádio — fato maravilhoso! — por uma salva

de palmas de 200 mil pessoas em prêmios.

Naquele instante, fomos confirmados a que todos se adivinham: para o Brasil o futebol é mais que um esporte, menos do que uma paixão — um fenômeno explosivo, colorido, sensacional. Resolvemos que uma das publicações de nosso plano editorial deveria ser: mais cedo ou mais tarde, uma revista esportiva — tão explosiva e tão sensacional como este novo povo que vai aos estádios fazer uma das mais belas festas do mundo.

De lá para cá, muitas coisas aconteceram. E, aqui dentro da Editora Abril, a ideia de PLACAR continuava fermentando. Muitos projetos desta revista foram produzidos, lidos, revisados, analisados e guardados em todos estes anos. Seria impossível lembrar, nos 7.300 dias de vida da Abril, quantas vezes foi feita esta pergunta desde o mais vivo office boy ao mais sábio dos nossos repórteres: "Pra quando o PLACAR?"

Pois é para agora. Finalmente, sentimos que evoluímos prontos. Conseguimos reunir uma equipe jovem, talentosa, altamente profissional. Por outro lado, temos hoje no País uma nova mentalidade no jornalismo esportivo: a paixão elaborada, as preocupações pessoais, os interesses menores foram substituídos pela crítica construtiva, pela análise ponderada, pela reportagem desacomodada e imparcial. E tudo isto faz parte da filosofia de PLACAR.

Há dois meses começamos a trabalhar: dois meses de intensa e frutífera movimentação, durante os quais a revista nasceu, transformou-se e chegou à sua forma final.

Esperamos que você goste de PLACAR. E que passe a ter o prazer contínuo de lê-la.

Victor Civita



Antes de PLACAR nascer, sua equipe fez quatro números experimentais (capas acima). Durante dois meses, repórteres e fotógrafos viajaram pelo Brasil, México, El Salvador, Peru, Chile, Argentina e Uruguai. A fotografia da capa deste número é de Lemyr Martins.

HOMENAGEM A PELÉ



Victor Civita, Editor e Diretor de PLACAR, entrega a Pelé, no Floresta Country Club, o modelo em gesso da matriz usada na feitura da moeda com a efígie do Rei, presente de PLACAR para os seus leitores.



GILBERT, O ESCULTOR

Natural da Romênia e formado na Ecole du Louvre, Ilie Gilbert é o autor da efígie de Pelé. Expressivista que se dedica à figura humana, ele define seu trabalho como a participação conjunta do artista e do modelo. Com 49 anos, Ilie está no Brasil desde 1955. Faz seus trabalhos em epóxi, material usado na Apolo 12.

25 ANOS

1974-1999

Diretor de Publicações:
Roberto Civita
Diretor Editorial: Luis Carlos
Diretor Comercial:
Narciso Baroni

PLACAR

Diretor: Claudio de Souza
Editores: Hamilton Almeida, Mauricio Kestel e
Walter Guimarães
Redatores e Repórteres: Diana Mariani,
Nelly Valle Junior, José Maria de Aguiar,
Mário Aurélio Guimarães, Michel Laureiro,
Artur Nelly Pylagoras Alves, Hernando Jaramilla,
Fotógrafos: Lemyr Martins, Sebastião Mello,
Colaboradores: Ajayoni Moreira (corretor),
Jocelyn, Heitor, Cláudio Eduardo Baroni, Edmundo,
Eduardo, Cláudio, Nelly, Ferreira, Filho,
Ademir, Ferreira, Manoel, Motta, Cláudio, Nelly,
Paulo, Mariani, Georges, Bourboulon,
João Roberto M. de Aguiar, Jean-Michel, Geyss,
João P. Gódy

Correspondentes Regionais

Rio: Gódy, Gódy, Filho (diretor), Milton, César,
(Líder de redação), Aristóteles, Andrade,
José, Falcão, Neto,
Teresina: Heitor (responsável), Vilson, Kato,
(Líder de redação), Ademar, Viana, André,
Andrade, Fernando, Pinheiro, Pedro, Henrique,
Sandra, Faria, (fotógrafo),
Belo Horizonte: Pompeu de Souza (diretor), Luis,
Gutierrez (líder de redação), Evandro, Faria,
J. Carlos, Baroni, (responsável),
Recife: Raul, S. Miranda (líder de redação),
Franklin, Campos, José, Saffron, Filho, Paulo, Super,
(fotógrafo), Cláudio, Baroni, (fotógrafo),
Belo Horizonte: Alencar, Souza, Cruz (líder),
Geraldo, Augusto, da, Silva (responsável),
Curitiba: Elmar, Bona, da, Costa,
Porto Alegre: Paulo, Totti (líder), Nelly, Nelly,
(fotógrafo),
Salvador: Edgar, Cássia,
Nova York: Luis, Carlos,
Correspondentes: Alessandro, Porto, (Paris),
Ornel, Pereira, do, Vale, (Londres),
Luis, Viana, (Roma), Nelly, Nelly, (Tóquio)

Serviços Editoriais

Diretor: Roger, Karmali,
Documentação: Antônio, Zago, Carmo, Cláudio,
Celia, Ming, Gilson, Cordeiro,
Fernando, Rosa, Irene, A. Cardoso,
José, Carlos, Klum, João, Gódy, Maria, Regina,
Viana, Raul, T. Schwartz,
Sergio, Caputo, Ulisses, Faria

Serviços Fotográficos

Francisco, Albuquerque, (gerente),
José, Lello, (responsável), Olga, Faria, (assistente),
Jorge, Bataillon, Carlos, Motta, Miguel, Figueira,
Regina, de, Oliveira, João, Batista, Pereira, (fotógrafo),
Cartografia: Francisco, Belmonte, (responsável),
Abril, Press, Samuel, Drexler, (assistente)

Departamento Comercial

Diretor: Cláudio, de, Souza
Representante: São Paulo: Cláudio, de, Souza
Representante: Rio: Francisco, Paulo, Faria,
Gerente de Publicidade: Porto Alegre: Roberto,
Molina, Eichen, Engel, (representante),
Representante: Belo Horizonte: Sérgio, D. Faria,
Representante: Curitiba: Edson, Nelly,
Representante: Recife: Antônio, Luis, Filho

Departamento de Operações

Diretor de Operações: Ricardo, Gódy
Diretor de Relações Públicas: Nelly, Nelly,
Diretor do Escritório: Nelly, Nelly,
Diretor de Publicidade: Nelly, Nelly,
Diretor de Publicidade: Nelly, Nelly,
Diretor de Publicidade: Nelly, Nelly,
Gerente de Produção: Nelly, Nelly,
Diretor de Projetos Editoriais: Paulo, Faria

Diretor Responsável: Cláudio de Souza

Festão Ducal da roupa nova.

(50.000 roupas novas.)

Alô, pão... é a maior dica do ano:
sua roupa nova, elegantíssima, tremendo pano,
a partir de 78,00 em

10 prestações iguais SEM JUROS!

